



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

LUCAS TEIXEIRA SIQUEIRA

HUMANISMO E EMANCIPAÇÃO NA ÉTICA NORMATIVA DE FRANTZ FANON

CAXIAS DO SUL
2023

LUCAS TEIXEIRA SIQUEIRA

HUMANISMO E EMANCIPAÇÃO NA ÉTICA NORMATIVA DE FRANTZ FANON¹

Dissertação de mestrado apresentada e submetida como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia à linha de pesquisa em *Questões de Ética Aplicada* pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul – Mestrado Acadêmico em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. André Brayer de Farias.

CAXIAS DO SUL
2023

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - Brasil), pelo Programa Suporte à Pós-graduação IES Comunitárias - PROSUC/CAPES.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S618h Siqueira, Lucas Teixeira

Humanismo e emancipação na ética normativa de Frantz Fanon [recurso eletrônico] / Lucas Teixeira Siqueira. – 2023.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2023.

Orientação: André Brayner de Farias.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Fanon, Frantz, 1925-1961. 2. Dialética. 3. Ética. 4. Humanismo. 5. Filosofia. I. Farias, André Brayner de, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 1FANON

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL



“Humanismo e emancipação na ética normativa de Frantz Fanon”

Lucas Teixeira Siqueira

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Linha de Pesquisa: Problemas Interdisciplinares de Ética.

Caxias do Sul, 02 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Participação por videoconferência

Prof. Dr. André Brayer de Farias (Orientador)
Universidade de Caxias do Sul

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Itamar Soares Veiga
Universidade de Caxias do Sul

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

*Para Sandra, Elias, Luan, por serem base, apoio e estrutura;
Para todos aqueles que acreditaram, confiaram carinho e
ensinamentos ao longo dos anos;
Para os colegas e professores pelo aprendizado, força e
companheirismo;
Para André, pela paciência, confiança e parceria;
Para Fanon, pela coragem, determinação e sabedoria;
Para minha sorte, juízo e serenidade;
Para todos aqueles que a terra ainda condena e à luta;
Para a humanidade de ontem, hoje e amanhã.*

“Chaque génération doit dans une relative opacité découvrir sa mission, la remplir ou la trahir.”

Frantz Omar Fanon, Les Damnés de la Terre, 1961

“Cada geração, numa relativa opacidade, deve descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la.”

Frantz Omar Fanon, Os Condenados da Terra, 1961

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”

Rosa Luxemburgo

Abreviações

CDT: *Os Condenados da Terra*

FDL: *Filosofia da Libertação*

Figuras

Figura I: Violência como intersubjetividade (linguagem)	23
Figura II: Esquema dialético de Fanon	81
Figura III: Comparativo dos esquemas fanoniano e dusseliano	89

RESUMO

Este trabalho pretende dissertar sobre a obra de Frantz Fanon (1925-1961), a fim de investigar as possibilidades de atualizações conceituais e práticas referentes ao contexto examinado pelo autor. A partir da questão: “É possível definir uma filosofia da ação e, por conseguinte, uma ética tendo por base os conceitos de humanismo e emancipação na obra de Frantz Fanon?”, pretende-se delimitar suas aplicações e proposições em consonância com a realidade presente. Nosso trabalho concentra-se na análise da obra “Os Condenados da Terra” (1961), mas também buscará apoio em comentadores e obras de temática e exercício crítico semelhantes. Nosso objetivo será o de interpretar os temas fanonianos buscando uma atualização e possível aplicabilidade ao contexto contemporâneo. O diagnóstico pretendido de uma filosofia da ação referida ao conceito de humanismo radical e à práxis emancipatória será também o resultado de um diálogo aproximativo entre o pensamento de Frantz Fanon e a teoria da libertação de Enrique Dussel.

Palavras chave: *Fanon, dialética, filosofia da ação; violência; espontaneidade; humanismo radical, consciência; cultura; emancipação objetiva; emancipação humana; sistema; normatividade.*

ABSTRACT

This document intends to discuss the work of Frantz Fanon (1925-1961), in order to investigate the possibilities of conceptual and practical updates referring to the context examined by the author. From the question: "Is it possible to define a philosophy of action and, therefore, an ethics based on the concepts of humanism and emancipation in the work of Frantz Fanon?", it is intended to delimit his applications and propositions in line with the present reality. Our work focuses on the analysis of the book "Os Condenados da Terra" (1961), but will also seek support from commentators and works of similar thematic and critical exercise. Our objective will be to interpret the fanonians themes seeking an update and possible applicability to the contemporary context. The intended diagnosis of a philosophy of action related to the concept of radical humanism and emancipatory praxis will also be the result of an approximate dialogue between Frantz Fanon's thought and Enrique Dussel's theory of liberation.

Keywords: *Fanon, dialectic, philosophy of action; violence; spontaneity; radical humanism, conscience; cultural; objective emancipation; human emancipation; system; normativity.*

SUMÁRIO

Introdução	12
I- Filosofia da Ação	
I.I Linguagem da Violência Diagnóstico	22
I.II Contralógica da Espontaneidade Diagnóstico	33
I.III Normativa de ação condicionada Agente e Fundamento	42
II- Identidade	
II.I Formação da Consciência Conceito	44
II.II Estética da Cultura Conceito	57
II.III Humanismo radical Processo e Ideia	66
III- Práxis	
III.I Desumanização aplicada Proposição	68
III.II Sistema Prático Proposição	73
III.III Emancipação Objetiva Estrutura e Totalidade	78
IV- Ética	
IV.I Epifania e Proximidade Avaliação	83
IV.II Pedagogia da existência Avaliação	91
IV.III Hegemonia do reconhecimento Contingência e Necessidade	96
Considerações Finais e Questões Futuras	102
Referências Bibliográficas	105

INTRODUÇÃO

Pertenço irredutivelmente à minha época.²

Graças aos esforços encontrados nos artigos de Faustino³ e Wallerstein⁴, é possível esboçar uma breve biografia que pode exemplificar a trajetória de Fanon a fim de demonstrar, não apenas como relato de sua vida, mas também, sua formação crítica a cada passo determinante e histórico.

Frantz Omar Fanon⁵, nasceu na Martinica, em 20 de Julho de 1925. Sua vida, pode se dizer, foi breve e conturbada, já que o autor antilhense morreu de leucemia aos 36 anos (1961), se formou médico psiquiatra em Lyon, exerceu a profissão a qual se graduou, se formou doutor, foi combatente na luta de independência argelina, expoente e correspondente ativo do pensamento de unidade africano de sua época, além de publicar três obras críticas discutidas até os recentes dias. Sua vida ativa e militante, por óbvio, refletem seu amadurecimento crítico e filosófico, bem como, seu conhecimento de autores clássicos e discutidos em seus círculos sociais e acadêmicos.

Segundo Faustino⁶, Fanon, por se considerar francês na juventude, dada sua educação e vivência em um território oficialmente da França, ainda que ultramarino

²FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*: tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p.29.

³FAUSTINO, Deivison Mendes. *Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon*. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”, p. 216-232. 13 set. 2013.

⁴WALLERSTEIN, Immanuel. *Ler Fanon no século XXI*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 82, p. 3-12. 1 set. 2008.

⁵Frantz Omar Fanon nasceu em Julho em 20 de julho de 1925, no seio de uma família de classe média em Fort de France, Martinica, região francesa no Caribe. A Martinica ainda hoje é considerada um departamento ultramarino insular francês. FAUSTINO, *op. cit.*, p. 218.

⁶*Ibid.*, *Ibidem.*, p. 218.

e relativamente distante da Europa continental, alistou-se no exército da metrópole para lutar no front de guerra em 1944⁷. Sua experiência mostrou que, mesmo alistado e perfilado ao lado de seus “compatriotas”, não era visto como igual. Em função de sua cor de pele era desumanizado, inferiorizado. Seu não-reconhecimento influencia em toda sua teoria de filosofia política posterior. Em 1946, inicia sua faculdade de medicina em Lyon. Em 1952, ao término do curso, realizou uma primeira versão de sua tese de doutorado. “Esta foi rejeitada por confrontar as correntes positivistas então hegemônicas na área”⁸. Após uma nova versão que, também, a duras penas, é aceita, se torna doutor. Sua tese “rejeitada” é revisitada alguns anos depois e sua versão revisada é nada mais nada menos que sua obra *Pele negra, Máscaras brancas*⁹. Obra esta que trabalha a questão da identidade, a alienação política imposta pelo colonizador sobre o colonizado, a desumanização e esvaziamento de conteúdo ou criação de uma identidade pejorativa não civilizada, em contraposição de um universal europeu e civilizado. Começa aqui, também influenciado pela sua experiência de trabalho com François Tosquelles (1912-1994)¹⁰, a definir sua crítica baseada nas estruturas e construções sociais e suas influências na construção subjetiva e psicológica dos indivíduos, assim como,

⁷Quando a França estava invadida pela Alemanha nazista (Durante a ocupação devido a Segunda Guerra Mundial) FAUSTINO, *op. cit.*, p. 218.

⁸*Ibid.*, *Ibidem.*, p. 218.

⁹Título original do francês, *Peau noire, masques blancs*.

¹⁰O psiquiatra espanhol François Tosquelles nasceu na Catalunha e chegou a participar da Guerra Civil Espanhola. Fugido do franquismo, instala-se na França onde inicia diversos estudos alternativos de psiquiatria em Saint Alban, onde Fanon Fanon trabalhou. Visionário e anticolonialista, Tosquelles criou a psicoterapia institucional, que poderia ser traduzida como terapia comunitária. A partir da influência de Freud, Reich, Politzer e Marx, pensava a loucura – alienação psíquica – ou o sofrimento psíquico em sua relação com o meio social em que o doente está inserido. Num outro polo, a desalienação psíquica dependeria da reorganização da sociedade, e portanto, as terapias de tratamento introduziram experimentos alternativos como assembleias democráticas entre profissionais e pacientes, trabalhos comunitários etc. *Ibid.*, *Ibidem.*, p. 219. *apud* RODRIGUES, Heliana de Barros Conde "SEJAMOS REALISTAS. TENTEMOS O IMPOSSÍVEL!": Desencaminhando a psicologia através da Análise Institucional. In: História da psicologia : rumos e percursos. Org. Ana Maria Jacó-Vilela, Arthur Arruda Leal Ferreira, Francisco Teixeira Portugal.. Rio de Janeiro : Nau Ed., 2007(Ensino da psicologia; 3)

uma tendência de proposições de ordem de alterar a realidade concreta para se haver mudança e progresso. Sintetiza inclusive uma nova interpretação para a psicanálise na constituição do indivíduo.

Freud tinha defendido a necessidade de passar de uma explicação filogenética a uma explicação ontogenética, mas, de acordo com Fanon, o que era necessário era uma explicação sociogénica, mesmo se reconhecia as limitações deste tipo de explicação.¹¹

Sua vida e obra mostravam o mesmo caminho de subversão do material e do racional em uma disputa para resolução de contradições. Contradições estas, que Fanon pôde enfrentar arduamente e valentemente, quando se muda para um pequeno hospital nas proximidades de Argel¹², na Argélia colonizada. Ao se deparar com os transtornos patológicos que assolavam tanto franceses como argelinos, em um cenário de guerra¹³.

A presença centenária do colonialismo fazia-se sentir também na área da saúde. As pessoas vítimas de doenças psíquicas, segundo o conhecimento da época, eram isoladas e abandonadas em hospitais psiquiátricos, presas a camisas de força. No entanto, como era de se esperar em uma sociedade assumidamente colonial, o hospital era dividido em asilos diferenciados para franceses e nativos. Frantz Fanon, inspirado nos ensinamentos de Tosquelles, mudou radicalmente esta relação e introduziu reformas estruturais extraordinárias neste hospital.¹⁴

Este lado profissional de Fanon ainda é pouco explorado pela literatura especializada, mas o insere, à inspiração de seu mentor, nos primórdios dos movimentos de reforma psiquiátrica.¹⁵

[...]A loucura é um dos meios que o homem tem de perder a sua liberdade. E posso dizer que, colocado nesta intersecção, medi com

¹¹WALLERSTEIN, *op. cit.* p. 3.

¹²Capital da Argélia colonial e posteriormente, independente.

¹³Guerra de independência da Argélia, que começou em 1954 e terminou em 1962, um ano após a morte de Fanon. *Ibid.*, *Ibidem.*, p. 4

¹⁴FAUSTINO, *op. cit.*, p. 222 *apud* GEISMAR, Peter. Fanon. Colección Hombres Del tiempo. Granica Editor, 1972, p. 73.

¹⁵*Ibid.*, *Ibidem.* p. 222.

horror a amplitude da alienação dos habitantes deste país. Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir ao homem deixar de ser estranho ao que o rodeia, devo afirmar que o Árabe, alienado permanentemente no seu país, vive num estado de despersonalização absoluta[...]¹⁶

[...]Há longos meses que a minha consciência é palco de debates imperdoáveis. E a conclusão que chego é a vontade de não desesperar (desésperér) do homem, isto é, de mim próprio.^{17 18}

Após pedir demissão, ao ver-se em uma posição conturbada, o autor decide se mudar para a Tunísia para trabalhar a tempo inteiro para o Gouvernement Provisoire de la Révolution Algérienne (GPRA)¹⁹. Ai assume sua posição de militante e revolucionário, sendo autor de inúmeros textos para o periódico *El Moudjahid*²⁰.

Os anos seguintes foram marcados por intensa agitação política e participação em fóruns internacionais organizados pelos movimentos de libertação no continente africano. Neste momento Fanon se converte num revolucionário, militante clandestino da FLN, e seu representante internacional no diálogo com os demais países africanos. Em 1959 publica L' an V de La Révolution Algérienne (O quinto ano da Revolução Argelina). Neste livro, também conhecido como *Sociologia de uma revolução*, Fanon faz uma descrição fantástica do processo de mobilização social em curso na Argélia.²¹

Sua posição e atuação política favoreceram ainda mais sua crítica e metodologia. Infelizmente, nos anos seguintes, Fanon se depararia com um diagnóstico de Leucemia, doença que na época tinha um tratamento limitado e praticamente não tinha cura. Entre um tratamento na União Soviética e outro nos Estados Unidos, ambos sem sucesso, a não ser pelo adiamento em poucos dias de sua eminente

¹⁶Ibid., *Ibidem*. p. 223 *apud* FANON, Frantz. Em defesa da revolução Africana. Lisboa. Livraria Sá da Costa. 1969. p. 58.

¹⁷Ibid., *Ibidem*. p. 223 *apud* FANON, Frantz. Em defesa da revolução Africana. Lisboa. Livraria Sá da Costa. 1969. p. 59

¹⁸“Do Sr. Doutor Frantz FANON, Médico dos Hospitais Psiquiátricos, Médico-Chefe de serviço no Hospital Psiquiátrico de BLIDA-JOINVILLE. Ao Sr. Ministro Residente, Governador-Geral da Argélia, ARGEL.” Assim assinava sua carta de demissão ao Ministro Residente. O texto consta no livro *Em Defesa da Revolução Africana*, em “Terceira parte: Pela Argélia, Carta ao Ministro Residente” (1956).

¹⁹WALLERSTEIN, *op. cit.* p. 4.

²⁰Jornal oficial da revolução argelina. *Ibid.*, *Ibidem*. p. 4

²¹FAUSTINO, *op. cit.*, p. 223.

morte, Frantz inicia a escrita de seu último e mais importante trabalho filosófico, como sintetiza Wallerstein:

No seu último ano de vida, ele dedicou-se principalmente e com toda a fúria a escrever o livro que foi publicado postumamente como *Les damnés de la terre*. O livro traz um prefácio famoso da autoria de Jean-Paul Sartre, que Fanon achava brilhante. O título, evidentemente, era tirado do primeiro verso da Internacional, o hino do movimento operário mundial.²²

Esta última e fatídica enfermidade que finda precocemente a vida do autor, explica o caráter enxuto de sua última obra, mesmo que profunda e detalhada, escrita em uma rapidez e complexidade ímpar dado seu contexto de desenvolvimento. Obra esta, que sintetiza o contexto observado, como os diagnósticos, conceitos e proposições desenvolvidos por Fanon em toda sua experimentada vida.

A história dos tratados países do sul global²³ é a história da colonização e seus desdobramentos até os eventos atuais, entrelaçadas as mudanças estruturais da realidade, relacionados ao desenvolvimento do capitalismo em capitalismo tardio e dependente²⁴. A atenção crítica à realidade fora de um contexto eurocêntrico se deu como importante posição perante o diagnóstico da realidade e proposição de transformação histórica de superação do que se entende como realidade colonial, predominante desde a modernidade até a contemporaneidade. Esboços da denúncia da violenta história da colonização e suas consequências encontram

²²WALLERSTEIN, *op. cit.* p. 4.

²³Definição que trata do termo “clássico” terceiro-mundo em uma diferenciação do globo como norte-sul tendo como centro as relações sócio-econômicas históricas e não necessariamente geográficas entre os países.

²⁴Conceito sociológico inserido por Florestan Fernandes para determinar relações econômicas entre nações que são oriundas de um contexto pós-colonial e atualmente são de conjugação e crescimento econômico dependente com miséria e exclusão despóticas, além da ausência de direitos fora dos setores sociais dominantes. CARDOSO, Miriam Limoeiro. Capitalismo Dependente, Autocracia Burguesa e Revolução Social em Florestan Fernandes. Instituto de Estudos Avançados da USP, [S. l.], p. 1-11, 1 ago. 1995.

diversos autores e perspectivas diferentes frente às ferramentas e métodos filosóficos que se apresentam. Movimentos teóricos-culturais encontram assim, em seus pares, consonâncias críticas e objetivas, aprimorando teoricamente e interdisciplinando as mais variadas questões de exame e investigação internas ao tema. Também, vários paralelos são desenvolvidos em contrapartida das ideias gerais hegemônicas da filosofia clássica ocidental. Paralelos com divergências fundamentais e horizontes objetivos diversos. Os autores presentes nesta dissertação, para além do autor e obra central do trabalho em questão, podem e comumente são classificados como autores *decoloniais*²⁵, pois evidenciam uma perspectiva afirmativa de transformação e crítica da realidade e de superação de contradições, com semelhantes referências metodológicas e teóricas. Uma definição mais objetiva e sucinta é contemplada pelo filósofo argentino Enrique Dussel²⁶ na introdução de sua obra *Filosofia da Libertação*^{27 28}:

Filosofia da libertação, filosofia pós-moderna, popular, feminista, da juventude, dos oprimidos, dos condenados da terra, condenados do mundo e da história.²⁹

Apresento estes autores e ideias, no que entendo serem epistemologias decoloniais, ou seja, anti hegemônicas, conscientes, críticas, práticas e propositivas com um contexto de exame em comum, lidando com conceitos fundamentais deste contexto (condição, identidade, práxis, reconhecimento, e suas relações). O destaque desta filosofia e o que acredito ser seu trunfo de desenvolvimento, é a concentração do

²⁵Giro de conceitos filosóficos, sociológicos e culturais eurocêtricos para novos conceitos gerais relacionados a culturas latino-americanas, africanas, asiáticas e oceânicas não hegemônicas de um ponto de vista histórico, econômico e material.

²⁶Enrique Dussel (Mendoza, Argentina, 24 de dezembro de 1934), filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. Um dos maiores expoentes da filosofia da libertação e do pensamento latino-americano em geral.

²⁷DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da Libertação*. Edições Loyola, São Paulo, 1977.

²⁸Título original do castelhano, *Filosofía de la Liberación*.

²⁹Ibid., *Ibidem.*, p. 7.

filósofo como contextualizado, vivenciando sua atualidade e efetivamente fazendo parte dos movimentos os quais estão se propondo a observar/mudar.

Uma introdução a esta temática e de como as medidas históricas podem ser relativizadas, dados os contextos e atores, pode ser reparada nas palavras precursoras de Aimé Césaire³⁰, que busca compreender e relacionar os afetos e indignações arbitrárias acerca das violências sistêmicas presentes na história recente.

[...] o que não perdoa a Hitler não é o crime em si, é o crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, a humilhação do homem branco e o ter aplicado a Europa processos colonialistas [...]³¹

O manifesto do poeta martiniquenho, demonstra neste pequeno trecho, que o colonialismo só se torna pauta sensível à filosofia e a moral, quando está diretamente relacionado ao sofrimento de corpos europeus, para assim se questionar este método de extração e exploração. Suas palavras alcançaram seu compatriota Frantz Fanon, o qual foi professor em um curto período de tempo no território da Martinica, no Caribe. Seguindo seu compatriota e demais contemporâneos, Fanon apresenta um amadurecimento crítico acerca de uma epistemologia decolonial, o qual justifica a centralidade de sua obra neste presente trabalho e suas devidas referências.

³⁰Aimé Fernand David Césaire (Basse-Pointe, 26 de junho de 1913, Fort-de-France, 17 de abril de 2008), poeta, ensaísta e filósofo de temas como a colonização e a negritude.

³¹CÉSAIRE, Aimé. Discurso Sobre o Colonialismo. Livraria Sá da Costa, Lisboa. 1978. p. 18.

Neste trabalho, busco apresentar um estudo de uma ética *normativa*³² inspirada em Fanon, esboçando traduções esquemáticas das resoluções políticas de sua obra. Na estrutura desta dissertação obedecerei um procedimento de *exegese - definição - aplicabilidade/atualização* dentro de cada capítulo e seções de discussão com a obra de Fanon. A partir da obra principal de Fanon, denominada *Os Condenados da Terra*^{33 34}, traço suas principais categorias oriundas de sua metodologia teórica e prática na demonstração do decolonialismo como uma superação histórica e racional. A obra apresenta um diagnóstico central da questão colonial em torno de certos conceitos fundamentais e proposições práticas de transformação. Nesta dissertação apresentarei como guia esta obra principal, relacionando com demais comentários próximos que, discutam e atualizem conceitos e ideias do autor pertinentes atualmente. Busco responder sua problemática central como discussão ética, prática e conceitual, bem como, uma demonstração de proposição atualizada e crítica do autor e da temática ampla do tema decolonialismo.

Os capítulos se darão de forma uniforme e planejada. Em cada capítulo apresento um passo da dialética e metodologia fanoniana, que se dá em um processo de *diagnóstico - conceito - proposição/avaliação*. No capítulo de abertura, *Filosofia da Ação*, busco uma abertura demonstrando, o primeiro e segundo capítulos de CDT, denominados *Da Violência e Grandezas e Fraquezas da Espontaneidade*. Demonstrarei o diagnóstico de Fanon como uma investigação histórica,

³²A ideia de prescrição e padronização inerente aos termos *normativo/normatividade* em uma discussão metaética apresenta aqui um precedente de modelo único na obra fanoniana. Longe da tradição metaética ocidental, onde o termo denomina um significado positivo e categórico, a discussão do que parece ser normativo em Fanon, permeia muito mais um sentido contextualizado e propositivo de práticas específicas e particulares, do que um predicado imperativo ahistórico, sem sujeito ou sem identidade. A profundidade do que pode variar uma norma tem uma representação mais sofisticada na dialética de Fanon, por considerar seu diagnóstico e práxis e sujeito antes de qualquer esquema de princípios atemporal ou *per se*.

³³FANON, Frantz Omar. *Os Condenados da Terra*: tradução de Ligia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

³⁴Título original do francês, *Les Damnés de la Terre*.

evidenciando, nas particularidades e práticas citadas pelo autor, uma filosofia da ação e sua estrutura normativa.

No segundo capítulo, *Identidade*, discuto os capítulos *Desventuras da Consciência Nacional* e *Sobre a Cultura Nacional*, numa perspectiva prática e social de construção e usabilidade de identidade como conceito num ponto de vista ético e político. Relacionando a crítica fanoniana da identidade como um humanismo radical, e seu procedimento.

Seguindo, no capítulo terceiro da dissertação, *Práxis*, discuto os capítulos fanonianos denominados *Guerra Colonial e Perturbações Mentais* e *Conclusão*, evidenciando as relações de afirmação de humanidade pelo autor caribenho e sua prática. Também busco uma fundamentação a partir de uma ideia de emancipação como proposição, impulsionando o programa humanista do autor dentre as contradições e patologias expostas nos capítulos analisados.

Finalizando o corpo da dissertação, no capítulo *Ética*, discutirei de forma conclusiva, as resoluções de Fanon e reiterando sua ética e filosofia prática e da ação como um movimento de emancipação dialética. Dando um caráter prático e didático as aplicações de Fanon, também relacionadas pertinentemente com a obra de Enrique Dussel *Filosofia da Libertação*, para discutir termos e contextos nas duas obras.

Finalizo a tarefa de dissertação e pesquisa com o atrevimento de proposição tanto prática do ponto de vista de transformação, quanto de delimitação de ideias de diagnóstico as quais possam atualizar o autor e sua contribuição para filosofia, impulsionando uma atualidade em sua obra e respostas para lacunas e problemáticas de questões futuras.

É evidente que a incorporação de obras paralelas para uma discussão (dialética diga-se) de conceitos e aplicações pode e abre precedente para demais comentadores menores e referências comuns como a presença lógica de Hegel, Marx e Lukács, eventualmente, como cânones, precursores ou difusores de certos conceitos do texto. Ficará claro no decorrer dos raciocínios que há certa aglutinação a partir destas influências fundamentais de crítica e materialidade estrutural, mesmo que não central na dissertação. Não é, portanto, uma crítica direta ao idealismo alemão e sua direta relação à formulação inicial do socialismo científico (marxismo), apesar da presença basilar quase que integral nas obras discutidas, aparente ou não. Justamente o aprimoramento da crítica e giro de vozes que podemos discutir aqui, demonstra novas particularidades e leituras destas teorias, supondo superação e atualização. A riqueza destas sutis ou conscientes diferenças teóricas é o que possibilita esta pesquisa e o que permitiu autores como Fanon serem tão maduros e despertos em seus exames. Trazendo reflexão e conteúdo até a atualidade. Objetivamente, a centralidade de Fanon nesta obra identifica suas bases teóricas e sua órbita referencial como necessária para desenvolvimento do reconhecimento e transformação tão evidenciado também no autor.

I- FILOSOFIA DA AÇÃO

A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta. Mas ela não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um entendimento amigável. A descolonização, como sabemos, é um processo histórico: isto é, ela só pode ser compreendida, só tem a sua inteligibilidade, só se torna translúcida para si mesma na medida em que se discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo.³⁵

Há em Fanon um conteúdo normativo que se encontra na linguagem da violência e lógica da espontaneidade a partir do cenário contextualizado e condicionado pelo diagnóstico material-histórico feito pelo autor.

I.1 Linguagem da Violência

Diagnóstico

A primeira tarefa realizada por Fanon, em seus dois primeiros capítulos de CDT, *Da Violência e Grandezas e Fraquezas da Espontaneidade*, é esmiuçar um exame do colonialismo a partir de um diagnóstico direcionado e posicionado no *condenado da terra*. Este indivíduo percebe o mundo e o contexto que o rodeia e age perante esta condição material que lhe é imposta. Fanon examina de tal maneira a evidenciar a percepção do contextualizado e condicionado em forma de uma ação de afirmação perante a intersubjetividade vivenciada. Isto porque o sujeito percebe os sinais que vivencia na estrutura dominante que o cerca e o define. Este cenário intersubjetivo é a linguagem que se apresentará como mundo e vivência do sujeito posicionado no exame de Fanon. O sujeito só pode perceber e viver a intersubjetividade que lhe é imposta, neste caso, historicamente e dominantemente. Se a linguagem já é posta e apresentada como condição de vida e ação no mundo, seus agentes estão

³⁵Ibid., *Ibidem.*, p. 32

intrinsecamente inerentes a suas causas e conseqüências durante suas interações. Qual é, portanto, o tema definido por Fanon para entender esta dinâmica intersubjetiva e histórica entre os sujeitos? Para Fanon esta linguagem se apresenta como uma linguagem da violência. Esta linguagem se faz intersubjetiva pois define e condiciona todos os graus do cenário examinado na obra. A construção histórica; as interações entre sujeitos em diferentes níveis; causas e conseqüências; valores³⁶ morais; Há portanto uma tendência imposta que define o cenário e a maneira que sua linguagem é entendida e realizada. Para além de uma apreensão do sujeito do mundo, há uma imposição do mundo e suas condições estruturantes. Se a linguagem generaliza todas as determinações do sujeito em relação ao mundo e de toda forma, do contrário, a violência como linguagem é uma estrutura e superestrutura³⁷ totalizante no cenário colonial, bem como, seus agentes.

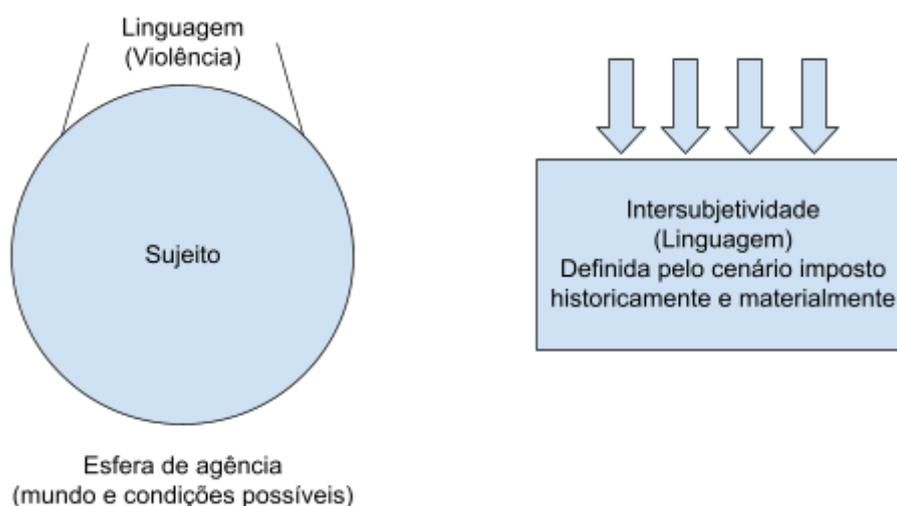


Figura I: Violência como intersubjetividade (linguagem)

³⁶A ideia de valor moral é o juízo que os sujeitos fazem de incorreção ou adequação de algo ou ação. Tendo em mente aqui neste trabalho, que a filosofia fanoniana é contextualizada e tem um sujeito contextualizado num cenário historicizante. Logo, sua ideia de percepção, juízo subjetivo e construção de sistema de valores tem estas variáveis a serem consideradas.

³⁷Estrutura é o que diz respeito à organização econômica, à produção, distribuição e consumo de bens. Superestrutura é todo o conjunto de ideias que surge dentro desta organização. Na questão de ser um *linguagem* entra o sentido de uma intersubjetividade exigida em um cenário de diagnóstico, sendo totalizante nas relações subjetivas, objetivas e intersubjetivas entre agentes e destes para o mundo material/conceitual.

A agência³⁸ dos sujeitos determinados é limitada pelo mundo e suas condições possíveis impostas pela linguagem, que já é previamente definida. Fanon a classifica como violência, pois, o cenário da exploração e suas consequências práticas em um cenário histórico examinado, é claro. O significado é considerado a partir do valor de ação do que é violento. Aquilo que é por alguma agência uma imposição ou intimidação que causa alguma consequência variada, seja esta física ou moral. A determinação da violência como categoria é importante neste exame de ação do primeiro capítulo, pois se mostra mais do que uma ideia em si mesma, mas com certa dialética determinante entre sujeitos diversos e suas interlocuções. Não basta o valor moralizante do termo sem sua devida contextualização como linguagem e mundo. Isto torna a violência como um instrumento em Fanon. Um instrumento de intersubjetividade e de medida da ação como sua própria condição. Não é apenas um termo moral de valor pré-definido, mas uma forma de codificar e aplicar as diferenciações práticas entre os diferentes agentes do exame que realiza. A posição é ampliada e determinada de forma historicizante, não tendo fim em si mesma.

A violência é um ponto central em Fanon porque a colonização é um fenômeno violento. Violento, pois o movimento histórico que desencadeia a colonização é baseado na linguagem da violência, violência material, estruturante, conceitual e moral. Ora, para a superação do colonizado em descolonizado, é necessário um processo de transformação que responda a este cenário e a esta linguagem imposta. A libertação é um processo que não pede um conceito suspenso, é uma superação histórica e *contraviolenta*, pois a violência já está posta e definida entre

³⁸A terminologia agência/agente não é própria da linguagem de Fanon em sua obra, mas é fundamental para entender os sujeitos históricos exemplificados por Fanon. Estes sujeitos agem e criam eventos em suas condições para tal, logo acrescentam estes termos à linguagem. Por pretender uma esquematização normativa da obra de Fanon, me parece ser a terminologia adequada e de melhor entendimento da ética fanoniana e sua conversão decolonial.

os sujeitos. A desordem da descolonização é a alegoria da superação, dos agentes e seus meios de mudança do cenário indesejado para o adequado, das condições que estão postas pelo cenário opressor vigente para um cenário de não violência desejado. Não há no autor um valor moral prévio e imparcial, pois o diagnóstico encontra a linguagem da violência como agência geral, não podendo ser isolada do objeto de exame. Qualquer agência nesta linguagem dada é parte da intersubjetividade da violência. Não há conciliação recíproca entre os sujeitos opostos e a necessidade de superação já é um meio violento. A condição está posta pelo colono como sujeito e primeiro agente histórico. Qualquer comparativo moral que tente justificar qualquer afirmação do sujeito colonizado à qualquer ação praticada pelo sistema colonial como sujeito impositor e suas consequências históricas, fica assimétrica nesta linguagem. Para além de um exame de agência moral, a descolonização é um processo histórico de ação e antítese, necessário aos olhos de Fanon:

A contestação do mundo colonial pelo colonizado não é um confronto racional de pontos de vista. Não é um discurso sobre o universal, mas a afirmação confusa de uma originalidade apresentada como absoluta. O mundo colonial é um mundo maniqueísta.³⁹

A descolonização é uma antítese de agência bruta e material à tese imposta pelo agente universal representado pelo sistema colonial em sua intersubjetividade de violência explícita e moralizante. As convenções e conceitos ocidentais na racionalidade entre os sujeitos opostos, que contam a história, a moral e a justiça são uma normatividade de agência que fundamenta e moraliza as ações do sujeito impositor. O topo de uma pirâmide que tem como base a condição material

³⁹Ibid., *Ibidem.*, p. 37-38

diagnosticada por Fanon. O ponto de vista dos sujeitos e agentes colonos é conscientemente definido por esta estrutura social e sistematizado por sua linguagem. Por esta razão histórica de intersubjetividade limitadora, não há no autor, outro meio de subversão deste cenário e linguagem, se não pela agência da violência do sujeito colonizado. Violência de conteúdo politizado e instrumentalizada pela intersubjetividade dos sujeitos colonizados específicos. Fanon instrumentaliza a linguagem da violência para que esta supere a normativa moral do sujeito colono e demonstre, meios de agência de superação com conteúdo moral definido pela intersubjetividade dos agentes colonizados. Não abrange uma violência por si mesma que se justifica na própria linguagem, mas encontra critério nas relações dos diferentes sujeitos e suas devidas simetrias na linguagem condicionada. Ignora-se a conveniência de uma ética posta apenas pelo sujeito dominante em um pré-estabelecido julgamento moral das agências. Procura-se uma categorização original pelo viés do sujeito *condenado*, que agencia sua superação de condições e sua humanidade. A libertação como agência é o princípio de um processo humanizante e a libertação tem sua agência na linguagem da violência. A libertação é a ação afirmativa do entendimento do sujeito colonizado em sua agência de adequação a seus termos originais de sua própria linguagem. “O colonizado descobre o real e o transforma no movimento de sua práxis, no exercício da violência, no seu projeto de libertação”⁴⁰. O conteúdo moral nunca é vago, tem sua origem, critério e condição em uma conveniência material e histórica. Da mesma maneira, o sujeito colonizado da base, reconhecendo a única linguagem de violência que forma sua intersubjetividade, tem aqui seu conteúdo e fundamento moral, na sua própria desumanização. Se Fanon indica uma criteriosa originalidade

⁴⁰Ibid., *Ibidem.*, p. 55.

da intersubjetividade do sujeito colonizado, é preciso demonstrar os diferentes sujeitos desta posição e moralizar suas agências nos critérios entendidos adequados no processo intersubjetivo de entendimento. Por isso Fanon distingue critérios, no corpo do primeiro capítulo de CDT, para os diferentes tipos de agentes colonizados. Há no conteúdo explícito aqui evidenciado por Fanon, um encaixe social, que condiciona os agentes em posições entendidas como vantajosas, no que diz respeito, por exemplo, às posições elitizantes e intelectualizadas. Sujeitos colonizados que atendem uma agência moral semelhante ao sujeito colonizador por uma tendência conciliadora.

O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado puro, e só se curvará a uma violência maior.⁴¹

Fica bem explícito a denúncia não apenas ao colonialismo como processo histórico violento e sua linguagem, mas também a violência da passividade e omissão das elites, mesmo as que se encontram como agentes colonizados. A linguagem da omissão é também moralmente inadequada nos critérios dos sujeitos colonizados em sua intersubjetividade geral. Para essa categoria de sujeitos intermediários do processo colonial, a urgência é um capricho econômico longe da necessidade da originalidade de agência das classes dos sujeitos condenados em categorias condicionadas à violência. Por isso, além do conteúdo histórico da agência em Fanon, seu exame de agência também necessita de atores específicos que fundamentam o cenário. Estes atores, da base dos sujeitos colonizados, devem estimular pelos seus meios de linguagem e ação o *pacto* social da superação das

⁴¹Ibid., *Ibidem.*, p. 58.

condições definidas como inadequadas. O chamado para ação é moralmente adequado quando é basilar. Não é, portanto, um esquema simples de transformação material e por diante filosófico, mas uma raiz de ação, que tem como critério o pacto intersubjetivo destes agentes específicos. O pacto é reativo e generalizante, não uma negociata exclusiva de poucos atores dos sujeitos condenados. As convenções intersubjetivas de quem sofre a violência são as que ditam as ações de sua própria superação. Todo esse processo transpassa as significativas transformações econômicas do sistema colonial. Por isso supera as ideias de rentabilidade e mão-de-obra escrava, que parecem apenas conceitos econômicos nas salas dos sujeitos colonos. A exigência deve e transcende o conceito de meras transações e mercados em transformação na linguagem dominante. A demanda é necessariamente uma perspectiva do *condenado da terra*. E deste ator histórico, no despertar da *hibernoterapia*⁴² da qual é submetido pela dominação da violência imposta, que se demonstram os limites e critérios morais das ações, nas práticas libertadoras. Fanon demonstra as expressões particulares desenvolvidas por estes sujeitos, evocando sua humanidade negada pela violência, desde poemas até cantos, trechos culturais dos gritos de angústia e transformação. Expressões que desenvolvem no imaginário popular a maturidade de diagnóstico e desenvolvimento da ideia e agência de libertação e seu esforço intersubjetivo, contínuo e visceral. Fanon chega a dizer que este efeito é muscular, naquele que tem sua humanidade e agência atrofiada pelo sistema de violência imposto. A intersubjetividade da violência, ganha na linguagem dos sujeitos colonizados ao se afirmarem originais em suas agências, objetividade. Quando a objetividade muda de patamar e de olhar, as considerações históricas desenham nova forma e conteúdo e tem sua própria moral original e linguagem. “Para o colonizado a objetividade é sempre dirigida

⁴²Ibid., *Ibidem.*, p. 63.

contra ele”⁴³. As convenções morais e clássicas ocidentais inferiorizam povos, suas religiões e culturas, e de um ponto de vista histórico, trata do esquecimento e relativização de genocídios do próprio século XX⁴⁴ enquanto só lembram os horrores vividos na Europa⁴⁵. Se o ocidente ou sua representação como sujeito colonizador ignora a barbárie explícita na linguagem da violência do cenário do colonialismo, a agência objetiva da libertação chama a atenção do mundo para si em cada representação da contraviolência da descolonização ativa.

A violência do regime colonial e a contraviolência do colonizado se equilibram e se respondem numa homogeneidade recíproca extraordinária.⁴⁶

A lógica do colono é implacável, e a contralógica decifrada nas atitudes do colonizado só é desconcertante se não tiver previamente trazido à tona os mecanismos do pensamento do colono.⁴⁷

Não há epistemologia, racionalismo e objetividade que consiga, por medida prática, suplantar as agências e a linguagem daquele que está inerte na violência e ela quer superar, para ter o original entendimento de ser minimamente humano e reconhecido, em suas particularidades, intersubjetividades e de forma global. As categorizações de ação e violência, na moral original do colonizado, não são categorias prévias suspensas na história. São itens formadores da estrutura

⁴³Ibid., *Ibidem.*, p. 74.

⁴⁴Sétif, na Argélia, Carriéles Centrales, no Marrocos, Moramanga, em Madagascar, são apenas exemplos de repressões, ilustrados por Fanon em *CDT* que parecem ter caído no esquecimento quando se fala em tragédias e genocídios de século XX.

⁴⁵[...]o que não perdoa a Hitler não é o crime em si, é o crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, a humilhação do homem branco e o ter aplicado a Europa processos colonialistas[...], CÉSAIRE *op. cit.* p. 18. Conforme citado na p. 13 da *Introdução* deste documento. Aimé Fernand David Césaire em seu *Discurso Sobre o Colonialismo*, onde faz uma crítica a relatividade da ideia de barbárie quando esta é direcionada a povos europeus e não-europeus, demonstrando o pouco caso do mundo ocidental a colonização e suas atrocidades.

⁴⁶FANON, Frantz Omar, *Os Condenados da Terra*, *op. cit.* p. 85.

⁴⁷Ibid., *Ibidem.*, p. 86.

totalizante, que tem conteúdo definido pela agência, conceito e práxis de uma dialética em desenvolvimento.

A superação da linguagem da violência dos sujeitos colonizados na representação da independência é mais que uma convenção social de significado político e formal, mas um exercício de agência comum a uma população destes sujeitos em sua própria libertação. Fanon, entende que há um desenho da intersubjetividade da violência no cenário global, para além de particularismos territoriais e seus sujeitos. O universalismo do ocidente como agente histórico é totalizante como sistema que tem resultantes materiais em todo o globo. Então, a linguagem da violência também é totalizante em um cenário internacional. A agência da escassez e crise de distribuição de riquezas é tão histórica quanto global, tão particular quanto universal. Em seu desenho da descolonização clássica em desenvolvimento, Fanon, moraliza acontecimentos históricos como a perda do caráter popular de inúmeras revoluções ou reformas pela independência⁴⁸ impulsionados pelas condições ainda impostas do cenário colonial histórico em uma linguagem da omissão e conciliação de sujeitos intermediários. O sujeito colonizador cria o cenário arrasado que se apresenta na linguagem, enquanto a missão do sujeito colonizado é mudá-lo em suas condições de agência e superação. Fanon também entende as maneiras de como a violência na linguagem econômica, praticada pelas sanções e estruturas comerciais do imperialismo, podem também lesar o cenário do sujeito colonizado. Aqui, Fanon entende que a tarefa de inserção do humano no sujeito colonizado, é tarefa de agência geral. Pertence e necessita a todos o movimento dialético para superação das ações desumanizantes da violência aos sujeitos condenados. Nas complexas

⁴⁸Fanon em **CDT**, critica e exemplifica várias problemáticas e contradições antipopulares expostas em países pós independência, como Senegal, Congo, Gana e prevê na própria Argélia, o que se concretizou postumamente.

categorias de classes destes sujeitos e suas condições materiais e subjetividades mais ou menos adequadas, cabe cada qual a particularidade de entender sua parte no todo da emancipação humana. Mesmo que o sujeito colonizado, no êxito de sua afirmação dentro da linguagem da violência, consiga transformar e agenciar etapas com condições cada vez mais entendidas como adequadas e humanas, a estrutura carece de uma conscientização geral de agência. Fanon, moraliza qualquer passividade de quem possa fazer parte da massa dos sujeitos da metrópole.

Agitando o Terceiro Mundo como se este fosse uma maré que ameaçasse submergir toda a Europa, não se logrará dividir as forças progressistas que pretendem conduzir a humanidade para a felicidade. O Terceiro Mundo não deseja organizar uma imensa cruzada da fome contra toda a Europa. O que ele espera daqueles que o mantiveram durante séculos na escravidão é que o ajudem a reabilitar o homem, a fazer triunfar o homem por toda a parte, de uma vez por todas.

É claro, porém, que não somos ingênuos a ponto de acreditarmos que isto se fará com a cooperação e a boa vontade dos governos europeus. Esse trabalho colossal que consiste em reintroduzir o homem no mundo, o homem total, há de ser feito com o auxílio decisivo das massas européias que, como elas mesmas precisam reconhecer, muitas vezes se alinharam às posições de nossos senhores comuns em relação aos problemas coloniais. Para isso, é preciso primeiro que as massas europeias decidam despertar, sacudir o cérebro e parar de tomar parte no jogo irresponsável da Bela Adormecida.⁴⁹

Esmiuçar as diferentes categorias de sujeitos colonizados e suas diferentes agências e critérios na linguagem estabelecida, explicitam uma filosofia da ação em paralelo ao manual político explícito na obra, em cada categorização ou exame de ações e tendências. Além de demonstrar um cenário prévio condicionante ao conteúdo moral, também explicita a complexidade e particularidades das contradições expostas no conteúdo histórico e sua possível atualização neocolonial⁵⁰. Se não tenho como tarefa exemplificar aqui, os detalhes políticos nas

⁴⁹FANON, Frantz Omar, *Os Condenados da Terra*, *op. cit.* p. 100-101.

⁵⁰Fase de expansão do imperialismo para os continentes africano e asiático das emergentes potências capitalistas europeias entre os séculos XIX e XX.

exposições estratégicas de Fanon, comento a seguir sua esquematização de grau filosófico na linguagem e lógica de suas exclamações de agência dos sujeitos colonizados.

I.II Contralógica da Espontaneidade

Diagnóstico

Se há um conteúdo da linguagem da violência que condiciona a agência dos sujeitos e fundamenta a moral em Fanon, qual é a forma em que esta agência se esquematiza no autor? Fanon, reflete sobre a agência aplicada e a forma quando fala sobre a *espontaneidade*⁵¹. As agências encontram conteúdo moral nas condições e intersubjetividades demonstradas na linguagem da violência. O próximo passo é definir os critérios de valor e aplicabilidade prática destas agências. A ideia de contralógica, é cunhada pelo autor como uma superação da agência ou código de agência do dominador, pelo sujeito dominado em autonomia e originalidade de exame e ação. Aqui, observo como são refletidos os esquemas de ação e seus possíveis fundamentos de adequação moral na ideia de estruturação social e representação da razão na agência geral dos sujeitos e suas necessidades. Com o conteúdo moral e o agente especificados, o passo seguinte é definir as especificidades das agências aplicadas. Entendo que é importante dizer aqui, como em quase toda a obra, sobre o caráter específico dos termos de categorias políticas particulares. Estes podem e devem ser entendidos também como alegorias das diferenças e relações sociais e morais entre os sujeitos na intersubjetividade. Estes, como em todo desenho social particular, sofrem constantes transformações na complexidade da estrutura social, suas relações morais e nomenclaturas como sujeitos políticos, ontem e hoje. Abro aqui, um precedente de entendimento que pode compreender o conteúdo moral pretendido em unidade com as *subestruturas*⁵² sociais dos sujeitos colonizados as quais Fanon analisa e discute. A lógica da forma original destes sujeitos se confunde com o esquema da crítica do desenho social em

⁵¹*Grandezas e Fraquezas da Espontaneidade* intitula o segundo capítulo da obra. p. 103-144.

⁵²Conjuntos menores de classes sociais como camponato, operariado, lumpemproletariado, elites colonizadas, intelectuais, terceirizados.

Fanon. Há, portanto, em cada termo e relação de classe, um conteúdo moral que é original na linguagem do autor. Início aqui, partindo da lógica específica da agência da espontaneidade em Fanon, minha leitura de suas categorias de ação específicas. Para uma esquematização das agências dos sujeitos colonizados, é importante em Fanon a ideia de *massa*⁵³, como uma representação política do povo e da razão nas ações do domínio prático no mundo. Aqui, vem a discussão central deste segundo capítulo, a representação ativa da massa em agência. Que tipos de ação, Fanon entende como relevantes e/ou necessárias, dentro do tabuleiro prático da descolonização, para se fazer valer as vontades do povo? Para este esquema de agência, novamente, há a uma linguagem a partir de uma condição histórica e a um objetivo comum em plano de fundo. A intersubjetividade aqui ganha também uma instrumentalização, mas desta vez não como linguagem da violência, mas da condição prática do diálogo dos sujeitos. Há uma prática da agência de se fazer ouvir, não na linguagem da violência para o exterior com os sujeitos exteriores aos agentes colonizados, mas na forma da voz entre os agentes e sua condição de agência dentre a própria massa. É um manual organizativo que aqui observo como um conteúdo de agência de valor do diálogo em uma adequação ética.

Fanon, supera uma lógica estrutural de possibilidade de diálogo em uma democratização representativa e esquematiza uma prática para democracia basilar e majoritariamente horizontal. Tenta definir uma agência que supera um processo comum àquele sujeito colonizado que ao se afirmar na linguagem violenta que o cerca, redesenha e adequa em superação dialética o cenário que propõe existir como adequado. As diferentes categorias de sujeitos colonizados particulares, suas vertentes, necessidades e agências entram em choque e suas consequências

⁵³Conjunto geral de toda população nacional.

podem e geralmente são complexas, do ponto de vista político e ético. O critério fanoniano para a representação da agência dos sujeitos dentro da espontaneidade das massas é uma espécie de condição e agência de unidade ativa. Em suas linhas cita campesinato e operariado urbano, mas reitero que estas categorias podem ser entendidas como as relações dos diferentes sujeitos, agentes históricos e populações inseridas em um determinado território em unidade de ação e de agência de diálogo na lógica de Fanon. Uma filosofia da ação que encontra um valor moral na adequação criteriosa em determinado cenário e contexto. Um exercício de agência humanizante de reconhecimento, que se encontra na prática da identidade, tema do capítulo a seguir. Há uma óbvia esquematização de agência de cidadania, de participação civil, de configuração comum da realidade. Uma dialética coletiva e orgânica, demonstrada nas capacidades gerais e particulares de agência dos indivíduos como sujeitos em libertação mútua. A agência da independência torna-se linguagem pois a estrutura também é formada pela agência e organização dos sujeitos, não apenas à fundamenta. O movimento constante da dialética e contralógica destas ações dá a constância da dinâmica da intersubjetividade dos sujeitos. Os ritmos dialéticos de cada categoria de sujeitos colonizados se dão em sua própria velocidade, mas operando um único organismo objetivo. A ideia de razão, para Fanon, é circunstancial e montada por aqueles que exercitam a prática decolonial na agência da libertação comum. Uma esquematização conceitual oriunda das ações de afirmação do sujeito colonizado em uma determinação para si na subversão da linguagem imposta pelo sujeito de sua antítese. Não obstante de nenhuma convenção social em qualquer cenário histórico, a razão que dá conteúdo à forma da prática organizativa e ativa, é de difícil demonstração dadas as contradições das diferenças entre os sujeitos ou grupos.

A filosofia normativa aparente neste esquema fanoniano não tem caráter de direito como na filosofia clássica ocidental, mas sim demonstra um exame de capacidades e necessidades de agência expostos por cada categoria de sujeitos sociais específicas. A diferença para qualquer normatividade clássica é justamente as condições de convenção de agência, que se pretendem mais basilares na intersubjetividade do que exclusivas em sujeitos específicos. A ideia de massa supera uma certa ideia de *vanguarda*⁵⁴ no âmago do que é a razão no contexto dos sujeitos e do entendimento da formação e formalização do que é o povo e quais suas aspirações e agências possíveis. Para Fanon, quanto mais basilar e mais radical, mais se faz adequado e efetivo sob um ponto de vista prático as agências e definições morais dos sujeitos. Seu receio para uma prática não suficiente de definição intersubjetiva da normatividade das agências comuns, aparece no que acredito ser uma explícita indignação às revoluções traídas, sejam por convenções administrativas que não consideram o todo dos sujeitos ou pela mera mudança de nome de um território, que na prática mantém as mesmas relações de produção e exploração na linguagem da violência. Superar a desumanização e a linguagem da violência e a lógica colonial passa sim, particularmente, por cada humano, mesmo que isso exija, moralmente, contradições. Este cenário contraditório e defasado na linguagem da dominação, dificulta qualquer adequação prática, mesmo que superado o controle colonial. As diferenças sociais entre as diferentes classes e categorias de sujeitos, acentuam as contradições e discussões do que é uma agência necessária e essencial. Atrapalha assim, o esquema basilar da condição do diálogo e logra uma nova separação dos sujeitos no que Fanon representa como

⁵⁴Vanguarda é entendido aqui como a categorização em sujeitos específicos às definições particulares de nação ou povo que não é exercido a partir de um movimento de reconhecimento adequado. Quando a definição é uma arbitrariedade externa em um sentido de poder de decisão de agência. Não quero representar organizações ou sujeitos pioneiros em práticas ou exigências políticas em representação de certo grupo hegemonicamente e categoricamente reconhecido.

uma agência de eletização interna aos colonizados. Há uma agência e violência de linguagem que se assemelha ao cenário anterior, mesmo que em diferentes atores e posições de opressão. Esta distorção do que é massa e sua vontade preocupa Fanon em toda a obra. A interminável discussão da autoridade e do que a faz dignatária de sua posição, não foge a Fanon. Longe de respostas artificiais, o autor esboça pequenas práticas de agências e esquemas relacionais e transformações intersubjetivas conscientes que se apresentam como soluções motoras para a diminuição desta contradição histórica, adequando-a moralmente. As ligações possíveis formais ou diretas entre diferentes grupos particulares de indivíduos expressos na obra por diferentes classes sociais, dão conta de demonstrar um procedimento que pode ser lido como um exercício de agência de diálogo e de condição deste. Isso porque, Fanon examina diferentes categorias sociais dos sujeitos e esmiúça suas potências e possíveis relações práticas. Isso dá objetividade a sua crítica à agência das massas. A ideia de direção em grupos diversos de sujeitos e a liderança de certo sujeito com capacidades específicas e necessárias a estes grupos, como uma gerência aproximadora de subjetividades, faz sentido orgânico e organizativo, pois dá condições reais de agência de diálogo e superação de contradições práticas. Não é uma norma de direito civil, mas uma normativa ativa de prática, que tem condição e objetiva um resultado comum. Entre as classes ou categorias de sujeitos se dá a troca e se apresentam os atores. Neste caso a relação *direção-interior* demonstra a ideia prática de diálogo e troca de experiências.

Esses homens se acostumam a falar com os camponeses. Descobrem que as massas rurais nunca deixaram de colocar o problema de sua libertação em termos de violência, de terras a serem resgatadas de mãos estrangeiras, de luta nacional, de insurreição armada. Tudo é muito simples. Esses homens descobrem um povo coerente que se perpetua numa espécie de imobilidade, mas que conserva intactos os seus valores morais,

o seu apego à nação. Descubrem um povo generoso, pronto para o sacrifício, desejoso de se dar, impaciente e com um orgulho pétreo.⁵⁵

Há troca porque se pensa em condições de sua existência, dando a possibilidade e condicionamento de agência de uma superação dialética do entendimento mútuo e prático. Além das reflexões práticas de ação e diálogo, Fanon especula grupos sociais que aglutinam as massas além de uma ideia de vanguarda ou exercício de afirmação. Humaniza sujeitos que são desumanizados dentro das próprias colônias, mostrando uma convenção ampla e geral do povo e de sua filosofia prática e dialética. Exemplo disso é o que podemos entender como o alegórico termo *lumpemproletariado*⁵⁶. Os valores específicos destes sujeitos na obra de Fanon, parecem em um primeiro momento, de valor moral indiferente, de um certo grupo social inconsciente de si, mas refletem a importância prática e transitória de agência de diálogo e aglutinação de massa nos sujeitos, superando qualquer valor indiferente do autor. Se “o lumpemproletariado constitui uma das forças mais espontâneas e radicalmente revolucionárias de um povo colonizado”⁵⁷, é importante entender o conteúdo e a forma do porquê Fanon afirma isto. É aqui que se apresenta uma massificação criativa e orgânica das agências e sujeitos, determinada a formas organizativas e conteúdos éticos potencializados pela condição material de improviso e determinação à agência da sobrevivência na linguagem da violência. Um microcosmo de nação, marginalizado, que exemplifica tanto o desalento violento da história, quanto a afirmação estruturante e consciente

⁵⁵FANON, Frantz Omar, *Os Condenados da Terra*, *op. cit.* p. 124.

⁵⁶Termo usado no vocabulário clássico marxista, designando uma camada flutuante do proletariado, destituída de recursos econômicos, geograficamente marginalizada e caracterizada pela ausência da consciência de classe. Observo uma certa designação de valor pejorativo que generaliza certo grupo e população, mesmo na recuperação do termo em Fanon. Porém o processo fanoniano resgata a importância da humanização e utilidade deste grupo geral quando aplica uma agência de suma importância ao seu processo de massificação das intersubjetividades.

⁵⁷*Ibid.*, *Ibidem.*, p. 126.

de si mesmo, da maneira em que as condições se colocam possíveis para os agentes. É, não só uma condição real de diálogo, mas uma prova aglutinadora de todos os setores do que Fanon chama de nação, porque representa, em toda a sua prática, uma síntese das normas práticas e valores morais que o autor demonstra até aqui.

As diferentes definições e particularismos políticos em Fanon tem um claro valor moral e denotam seu valor em sua viabilidade⁵⁸ categórica. Esta viabilização é o cerne do pacto social de uma agência adequada das necessidades e carências de uma massa. As relações de classe devem obedecer uma estruturação de condição de diálogo para viabilizar sua agência e ter no seu próprio *dever ser* original, suas determinações práticas. É, em todos os efeitos, uma recriação de um processo filosófico, impulsionado pela mudança de condição, linguagem e intersubjetividade dos sujeitos examinados e sua moral. O entendimento moral implícito em Fanon é de uma axiologia relativa às diferenças, viabilizada pela potencialidade das particularidades. As diferenças são intersubjetivas e reagem a uma estrutura social determinada e dinâmica. O valor se encontra na maneira de como a reação a estas diferenças cria uma unidade e objetividade dos sujeitos envolvidos nesta dinâmica. A dinâmica é imposta em devido momento no espaço-tempo e não está alheia a qualquer contradição prática oriunda da condição existente. Cada sujeito particular agencia seu imperativo de participação e pode, mais ou menos, ser cooperativo a esta viabilização de condição de agência de diálogo. O valor moral é então a viabilidade de uma agência. Seu conteúdo prático específico é definido pelos agentes particulares, especificamente aqui, os sujeitos colonizados e suas diversas

⁵⁸Tornar viável a realização das ações de suprimento das carências sociais em um contexto completo de coexistência de diferentes agentes e contextos particulares em um contexto histórico.

categorias. Da mesma maneira que a linguagem se transforma em uma afirmação do sujeito colonizado a partir de seu próprio exame de agência na linguagem da violência, a construção de sua nova linguagem passa pelo fundamento dinâmico do pacto viabilizado e da reflexão posicionada e condicionada dos sujeitos em questão. A espontaneidade é uma manifestação dos particulares para um objetivo concreto definido pela originalidade destes mesmos particulares. Uma teorização filosófica e normativa de auto afirmação dos povos e de direitos humanos, em uma versão originária e de imposição orgânica. Concluo que, acima de qualquer prática evidente no texto fanoniano, o pacto como um exemplo de contrato social dinâmico e a agência do diálogo pela viabilidade das relações de classes/categorias de sujeitos e suas particularidades, é ponto central no que define a espontaneidade como uma agência que passa por um exame de adequação em Fanon. As particularidades são exatamente as carências e diferenças que serão adequadas dentro de cada exame particular nas dinâmicas descentralizadas demonstradas neste capítulo. Estes esquemas práticos e de agência deliberada, são uma alternativa original em Fanon. A linguagem da violência apresenta possibilidades limitadoras das convenções de pacto possíveis entre os sujeitos colonizados e sua possível originalidade de exame e consciência. Exatamente por isso, entendo em Fanon um esquema mais viabilizante de práticas de agência variados e estruturantes de uma nova linguagem, do que um manual de agência moral estrito e universalizante. A nova intersubjetividade será manifesta na linguagem original dos agentes históricos em afirmação e reconhecimento, seus valores morais, portanto, serão particulares as suas condições e contextos específicos. Nem por isso, é preciso ignorar valores normativos que possam possibilitar a resolução de evidentes contradições

condicionais para identificação de problemas e agência das necessidades, bem como, sua generalização orgânica para a massa.

Lidar com uma condição de agência real de condições, possibilita em um esquema prático de viabilidade, sua superação em condições originais. Há então, em toda a extensão territorial e histórica da violência total da colonização e desumanização integral, uma condição estrita de ações que permitem um conteúdo normativo e prático definidor. Esta prática, em condições específicas, impulsiona a transformação do humano em uma jornada material de subversão não apenas de valores, mas de condições e estruturas. O conteúdo prático de suas determinações e sua forma de representação da vontade da massa explícita e supera as contradições abertas no cenário e humaniza seus atores históricos bem como seu tempo e espaço. A necessidade histórica politiza os particulares e transforma o global. Esta filosofia prática e ativa das agências dos sujeitos, demonstra não só juízos morais em Fanon, como tenciona a objetividade social dos seus conceitos e proposições.

A insurreição prova a si mesma sua racionalidade, expressa sua maturidade a cada vez que, a partir de um único caso, faz avançar a consciência do povo.⁵⁹

Essa nova realidade que o colonizado agora vai reconhecer só existe através da ação.⁶⁰

⁵⁹Ibid., *Ibidem.*, p. 143.

⁶⁰Ibid., *Ibidem.*, p. 144.

I.III Normativa de ação condicionada

Agente e Fundamento

A filosofia geral de Fanon é posicionada a partir de um sujeito histórico e sua linguagem imposta. Este sujeito é endereçado a ação em Fanon, que o torna como agente de suas próprias ações. Essa agência é estruturada pela totalidade das intersubjetividades, impulsionada por uma condição real e material no mundo. A partir destas condições, há um exame de agência e seus determinados valores morais e critérios morais. A única e possível linguagem, para além de uma ética imposta e externa, de sujeitos dominantes, têm novo valor moral. As práticas e sua viabilidade encontram um esquema orgânico de normas práticas de facilitação dos agentes e suas exposições morais. A maneira que determinados agentes viabilizam suas agências nesses esquema normativo, podem ser entendidos como mais ou menos adequados pela objetividade de uma viabilidade de agência de diálogo geral e entre categorias de sujeitos. Este é um exame e diagnóstico no cenário colonial de Fanon, que demonstra, em meu entendimento, uma filosofia prática e em específico, uma teoria normativa da ação. Uma filosofia prática em minha consideração pode e *deve* ter determinadas especificações teóricas e filosóficas: Critério de valor moral; delimitação de agente/agência; fundamento do conteúdo moral; aplicabilidade prática. Há no diagnóstico de Fanon: um critério moral historicizante e dinâmico; um agente específico condicionado; um fundamento de linguagem e possibilidade de lógica e originalidade e por fim uma aplicabilidade objetiva e categórica das normas práticas e valores morais explícitos e implícitos. Concluo, entendendo que uma normalização prática com especificidades históricas de condição, permite um exame

atualizante de normas morais, ainda mais, as que refletem com certa semelhança às condições práticas e políticas das contradições reais da contemporaneidade. Contradições que são refletidas em qualquer crítica às representações de agência e sujeitos contemporâneas, na política institucional e no entendimento de ética, o que torna as reflexões fanonianas, atuais. O cenário em Fanon é específico, mas as aplicabilidades reflexivas são comuns, mesmo à distância de certas especificidades lógicas de certos termos. A ideia de terra arrasada é a mesma que as considerações atuais, devidas as proporções convencionais do que é e não desumano, o que é ou não é condição e que é representativo das agências gerais e necessidades dos sujeitos em cada época.

Uma terminologia normativa posta, pode ser correlacionada com as semelhantes e transformadas estruturas sociais ao longo da história. Para além de um cenário de conflito explícito como o examinado, é de se entender reflexões de linguagem, contralógica, agência e fundamento de diálogo e maneiras de exercê-los em qualquer condição civil e ética. Observo a prática em Fanon como uma reação em cadeia, exercendo uma superação dialética transformadora da realidade e uma efetiva ação desconolizadora e contraviolenta aplicável a contextos diversos de sujeitos condenados. Se há condições de ação, agentes, conteúdo de valores e normativa, como então esta prática se auto-reconhece em unidade dos particulares quando discutimos identidade (nacional)? Aqui se encontra o tema do próximo capítulo.

II- IDENTIDADE

A consciência nacional, em vez de ser a cristalização coordenada das aspirações mais íntimas do conjunto do povo, em vez de ser o produto imediato mais palpável da mobilização popular, será sempre apenas uma forma sem conteúdo, frágil, grosseira[...]

[...]países subdesenvolvidos para racionalizar a práxis popular, ou seja, extrair sua razão.⁶¹

O humanismo é, antes de mais nada, uma consciência geral de superação existencial e que carece integralmente de um processo cooperativo de todos os indivíduos para sua concretização.

II.I Formação da Consciência

Conceito

Se os primeiros dois capítulos do exame de Fanon se concentram em normativas do diagnóstico histórico em temas específicos e totalizantes, a dinâmica da libertação como agência e seu contexto condicional tem consequências. Desta afirmação, posso perceber a escala de CDT como uma crítica da identidade, suas causas possíveis e consequências plausíveis. Fanon examina as dinâmicas diretas com referência às expressões e autoconhecimento dos povos na dinâmica ativa da agência da libertação e suas novas linguagens. Há o agente e a agência e seus devidos conteúdos normativos e seus fundamentos, agora é preciso entender como o reconhecimento é atuante e definidor neste cenário de exame particular, conciliado à sua superação prática. A filosofia como consciência de si, como consequência da condição do estar e as resoluções de *dever ser*. Esta dinâmica é complementar e

⁶¹Ibid., *Ibidem.*, *passim.*, p. 147-148.

paralela às da violência como linguagem e da espontaneidade como superação lógica da dominação entre os agentes inertes a estas condições. As condições para Fanon sofrem uma metamorfose dinâmica, mas as contradições experienciadas dentro das particularidades históricas e diferenciações das categorias de sujeitos sociais, podem ser repetitivas ou cair em circularidades de intersubjetividade violenta. Isso causa, mesmo com a linearidade do raciocínio fanoniano, somado ao processo dialético-prático que se repete em todas as esferas do exame em Fanon, uma certa aparência redundante em suas colocações e proposições afirmativas de agência e cenário. Porém, entendo que são diferentes graus e escalas dos esclarecimentos de CDT, nesta parte em uma perspectiva de objeto diferente. A partir desta sessão, que engloba os capítulos *Desventuras da Consciência Nacional* e *Sobre a Cultura Nacional*, a ideia de condição não se dá mais em uma linguagem como a anterior, se dá em um passo dialético que contrapõe o diagnóstico e entra no campo conceitual, mesmo que determinado por uma prática. A luta de classes como diferenciação dos sujeitos condenados é demonstrada de forma estrita para o global. Não é mais determinada a reflexão do cenário e as ações condicionadas deste, mas sim o humano e sua identidade como conceito.

O humanismo entra como conceito prático em um exercício semelhante ao da ética, desta vez não demonstrando apenas as normativas de agência, mas as determinações conceituais de autoconsciência e estruturações culturais na crítica decolonial de Fanon. A consciência em traços nacionais, significa em Fanon um segundo passo da dialética da afirmação, o início de sua humanização no sentido e significado. Se o condenado se afirma na agência da linguagem imposta e transforma sua condição em todas as contradições e superações necessárias e

sugeridas, como ele se representa dentro de sua nova condição histórica de forma conceitual? Assumir o protagonismo das massas enquanto representação e semiótica pode ser um vício racional da lógica anterior. A filosofia enquanto dialética tem como objetivo transformar círculos em espirais. O papel histórico ainda é prático e ativo, mas as armadilhas das contradições estruturais podem ainda desenrolar em falsas equivalências e uma política de agência não basilar e de identidade inadequada/particular a poucos sujeitos. O papel educativo da transformação e subversão como tarefa de agência contínua exerce aqui, um novo fundamento para Fanon na semiótica da consciência nacional. Há um exame de valor das agências de expressão e consciência, mas o objeto é a identidade como humano e suas particularidades *nacionais*. O agente segue sendo o mesmo e necessita de uma normativa de agência, porém o objeto é expresso de forma conceitual além das práticas de contra lógica expressas no capítulo anterior deste documento. As expressões necessitam de um conteúdo e forma em Fanon. Seu conteúdo é historicizante e condicionado a uma linguagem imposta pela adequação ou não do cenário dos sujeitos colonizados em sua libertação. Sua forma é moral no tocante de complementar as agências práticas já expostas. A ideia de nação em Fanon, exerce um procedimento lógico original no autor. Suas agências, dentro de um cenário histórico, moldam uma nova linguagem que pode ou não ser entendida como valor adequado para uma identidade humanizante. O exame nestes capítulos também se dá em categorias explicitamente políticas em uma dinâmica particular. Estas categorias são, novamente, no meu entendimento, representações dos sujeitos, possíveis normas de agência e suas consequências conceituais específicas. As dinâmicas expostas deixam implícitas as exigências de Fanon para um processo de conceito filosófico adequado, além das agências e valores objetivos e intersubjetivos

na crítica. Os receios conceituais do autor, não fogem das trocas de relações subjetivas entre os sujeitos examinados em sua transição ou não para uma nova linguagem e nova lógica nas suas próprias agências de afirmação e especificamente de identidade.

O vácuo do poder é ocupado por uma classe ainda dominante e formalizadora. Uma categoria privilegiada dos sujeitos colonizados que tem diferentes carências em relação a massa. Me parece que, de forma preventiva, Fanon apresenta um claro aviso sobre as possíveis contradições das dinâmicas entre sujeitos e categorias atuais, e o faz de forma profética. Os processos decoloniais ainda não parecem atingir a reflexão realizada pela dinâmica de conceituação adequada no autor. Isso porque as diferenças práticas e agências parecem pouco mudar mesmo com a simbologia nacional nova estabelecida, fugindo do adequado da viabilidade exposta no capítulo anterior. O humanismo parece ainda seguir a mesma lógica específica da linguagem anterior às libertações particulares da descolonização. Esta lógica dominante entende a identidade como meramente um fim e não um meio de elaboração e superação qualitativa das contradições e *alienações*⁶² existentes na sociedade histórica. Os perigos de uma identidade nova, com a mesma lógica de dominação, alienação e desumanização, são alvos da crítica de Fanon. A identidade como objetivo é um problema prático e moral na normativa do autor, comprometendo o conceito de identidade. As particularidades das contradições que uma mesma

⁶²“A apropriação surge como alienação, e a alienação como apropriação” MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos: tradução de Jesus Ranieri. Boitempo Editorial: São Paulo, 2002. 177p. O conceito de alienação surge em Hegel e também é desenvolvido em Ludwig Feuerbach no conceito do *paradoxo da alienação humana*. Em Marx a alienação é a relação contraditória do trabalhador com o produto do seu trabalho e que se aplica em várias esferas da superestrutura social. Uso este conceito em forma de evidenciar a contradição dos sujeitos particulares colonizados com sua realidade e representação de carências nas agências da dinâmica de libertação.

lógica de dominação pode trazer no exame das agências, dificulta o esquema moral e sua aplicabilidade na representação e viabilização do diálogo dos sujeitos.

Do nacionalismo, passamos ao ultranacionalismo, do chauvinismo ao racismo.⁶³

Sua análise de uma nova África, examina as contraditórias disputas de identidades e pertencimentos nacionais internos. As contradições antes impostas pela metrópole como linguagem da violência, se transformam em relações domésticas da mesma linguagem em particularidades diferentes. Se grupos minoritários são efetivamente e racionalmente negligenciados na mesma lógica anterior a libertação, a nova ideia de humano vigente, segue inadequada. As exemplificações identitárias de diferentes categorias de sujeitos citadas por Fanon, expõem simbolicamente um mesmo problema em condições diferentes. A linguagem sofre mudanças, mas que na prática intersubjetiva segue a mesma lógica de diferenciação pela dominação. A raiz do problema, ainda se dá na linguagem da condição prévia, e as agências constroem existencialmente e ideologicamente suas particularidades conceituais desumanizantes na não representação e viabilidade entre os sujeitos e suas categorias. Uma especificação salientada por Fanon é a da agência de diferenciação axiológica de raça. Entendo essa categorização particular como alegoria de classe e inferiorização perante um universal da categoria do agressor, agora entre categorias de sujeitos colonizados. Ato Sekyi-Otu comenta sobre esta lógica e seu significado em sua obra sobre a *Dialética da Experiência em Fanon*^{64 65}.

⁶³FANON, Frantz Omar, Os Condenados da Terra, *op. cit.* p.155.

⁶⁴SEKYI-OTU, Ato. Fanon 's Dialectic of Experience. United States of America: [s. n.], 1996.

⁶⁵Título original do inglês, *Fanon's Dialectic of Experience* (Tradução Própria).

De acordo com outra versão, o status de raça no discurso de Fanon é, na verdade, alegórico. Raça nada mais é do que um exemplar elevado dos problemas fundamentais e possibilidade *do ser-do mundo-acima-de-tudo*, um exemplar do eterno e universal drama de si e do outro^{66 67 68}

As diferenciações axiológicas ganham também um caráter conceitual nas agências de dominação domésticas. Esta axiologia tem um valor inadequado e desumanizante, pois é hierárquico e chauvinista⁶⁹. Não obedece uma agência nas normas específicas de Fanon, pois parecem ser um pertencimento caprichoso e subjetivo de alguns sujeitos particulares dominantes. A identidade nacional passa a ser um instrumento violento em uma linguagem de desumanização. Uma estrita e extrema identidade impopular de condicionamento antipático e de lógica semelhante ao *modus operandi* do sujeito colono. Para Fanon, estas particularidades não são naturais à dinâmica de agências sociais, mas apenas são um equivocado exercício repetitivo de afirmação limitada, em uma mesma lógica dominante. Uma consciência e representação quimérica dos sujeitos. Sua solução está na dinâmica de agência e objetividade estruturante. Entre os problemas condicionais da intersubjetividade dos sujeitos, que Fanon busca entender como raiz deste problema vicioso, estão a ideia de *burguesia nacional e totalidade do país*. As agências, agentes e objetivos práticos e viabilização de recursos para as representações adequadas, ganham uma nova lógica e condição nestes dois capítulos.

A primeira destas reflexões demonstra que a *burguesia nacional* assume o papel vago pela elite colonizadora, ou seja, o papel de explorador e o poder da decisão

⁶⁶SEKYI-OTU *op. cit.* p. 19.

⁶⁷According to another version, the status of race in Fanon's discourse is really allegorical. Race is but a heightened exemplar of the fundamental problems and possibilities of being-in-the-world-above all, an exemplar of the eternal and universal drama of self and other.

⁶⁸Tradução Própria.

⁶⁹Caráter agressivo de um nacionalismo de particularidades excessivamente desumanizantes, representando ódio ao estrangeiro e até ao compatriota que não segue seu código específico de identidade.

como sujeito dominador. Esta ilustração da realidade material demonstra uma representação da cadeia social pouco difusa da anterior à transformação decolonial e sua condição em agências particulares. Reitera materialmente um semelhante cenário do *não-humano*. Os novos sujeitos dominadores têm uma pequena concessão de licença ao status humano em suas particularidades e carências. A luta de libertação vira um capricho de poucos sujeitos e as complicações do imperialismo como dominação política e das agências tornam-se formalizações que mudam de nome e formato, mas seguem como o flagelo dos sujeitos e sua pretensão de adequação de condição na original linguagem ética e nova condição objetivada.

A etiologia⁷⁰ histórica da incapacidade da burguesia de destilar do descontentamento popular e os anseios de um senso comum, uma língua nacional de fins - em uma palavra, sua incapacidade de moldar uma "consciência nacional" fora de suas ambições particulares e "ação popular". A questão é se Fanon consegue extrair das lacunas de sua formação social protagonistas sucessores adequados a esta tarefa. Ou se o candidato cujos ele supostamente designou - o campesinato e o lumpemproletariado - não são, em última análise, mostrados como portadores de sérias deformidades políticas e morais justamente por sua condição material e o caráter de seu descontentamento. E se, por contraste, a própria natureza da malformação da burguesia nacional não deixa nada, algumas capacidades meta-econômicas vitais, disponíveis a partir de pelo menos uma fração de seus membros: capacidades que podem ser colocado a serviço de forças sociais conjuntas que lutam para trazer sendo formas emancipatórias de produção e cultura.^{71 72 73}

⁷⁰Ciência das causas de determinados fenômenos

⁷¹SEKYI-OTU *op. cit.* p. 125.

⁷²*The historical etiology of the national bourgeoisie's incapacity to distill from the people's discontent and yearnings a common sense, a national language of ends-in a word, its incapacity to fashion a "national consciousness" out of its particular ambitions and "popular action." The question is whether Fanon is able to extract from the interstices of his social formation successor protagonists adequate to this task. Or whether the candidates he is widely supposed to have designated-the peasantry and the lumpenproletariat-are not ultimately shown to carry serious political and moral deformities precisely because of their material condition and the character of their discontent. And whether, by contrast, the very nature of the national bourgeoisie's malformation does not leave something, some vital meta-economic capacities, salvageable from at least a fraction of its members: capacities that maybe placed at the service of joint social forces contending to bring into being emancipatory forms of production and culture.*

⁷³Tradução Própria.

Percebo, aqui, uma certa fragilidade de esquematização da objetividade da identidade enquanto prática no mundo, aplicada a mesma lógica do sujeito colonizador. Isso porque enfraquece o novo sistema de agências e o torna cada vez mais semelhante ao antigo. Os atores particulares deste cenário não parecem mudar para uma agência adequada, como coloca a análise de Sekyi-Otu, em classes específicas e basilares do desenho social examinado por Fanon. Em outra escala, a identidade de não humano ganha nova forma na lógica da percepção do sujeito colonizador, antigo dominador. Fanon atenta à mudança de relação com o novo dominador, e como é determinante para a falsa consciência nacional. O sujeito colono representa aqui, uma ideia de paternalismo, de liderança, representando uma necessidade dos sujeitos colonizados de terem sua agência moral imposta por um sujeito particular de exame específico. Sujeito este na figura do novo dominador, a categoria burguesa do colonizado. Isso transpassa as contradições de exigência e viabilidade de agência de diálogo. Demonstra uma identidade domesticável, criada e replicada pelo sujeito colono e pelo sujeito burguês doméstico. Um ideário racista de inferiorização, uma nova alegoria no que era o propenso problema e agora parece uma nova solução na mesma lógica desumanizante. O humanismo circular ocidental exerce sobre uma nova ótica e demanda sua mesma função totalizante e lógica, contra qualquer originalidade dos sujeitos dominados.

O racismo burguês ocidental em relação ao negro e ao *bicot* é um racismo de desprezo; é um racismo que minimiza. Mas ideologia burguesa, que é a proclamação de uma igualdade de essência entre os homens, empenha-se em permanecer lógica consigo mesma, convidando os sub-homens a se humanizarem por meio do tipo de humanidade ocidental que ela encarna.⁷⁴

⁷⁴FANON, Frantz Omar, Os Condenados da Terra, *op. cit.* p.162.

O caráter ideológico não é superado em novas condições e a agência das viabilidades permanece inadequada. Ainda há a percepção lógica de diferença e inferiorização do humano nas regiões ainda não-humanas nos sujeitos colonizados. Fanon elabora uma crítica a formação social e suas categorias para prevenção de sua repetição na lógica do sujeito colonizador.

Nos países subdesenvolvidos, a burguesia não deve encontrar condições para existir ou prosperar. Em outras palavras, o esforço conjugado das massas organizadas em um partido e dos intelectuais altamente conscientes e armados de princípios revolucionários deve bloquear o caminho a essa burguesia inútil e nociva.

A questão teórica que se coloca há cerca de cinquenta anos, quando se aborda a história dos países desenvolvidos, isto é, se a fase burguesa pode ou não ser suprimida, deve ser resolvida no plano de ação revolucionária, e não através de um raciocínio.⁷⁵

A ideia defendida por Fanon, novamente, diz respeito às condições onde se colocam os conceitos e em como transformá-las numa agência viável e adequada. Mesmo que com um plano prático diferente dadas as contradições e suas novas particularidades de intersubjetividade, há a ideia de continuidade do processo dialético e normativo. O exercício prático da agência da representação ganha um *dever-ser* continuado pela identidade unitária dos sujeitos na viabilidade das agências já explícita em sua normativa. O novo sujeito intermediário da dominação perde sua utilidade de agência. Há um complemento da filosofia da ação em contraponto a uma nova identidade e a um novo passo do humano se reconhecendo e se posicionando. A axiologia das identidades particulares e às condições domésticas de agência em uma lógica viciosa, encontram uma superação existencial e humanizadora no processo dialético da afirmação. Um novo passo ideológico na representação adequada e efetiva dos sujeitos, mas objetivo. Dentre uma nova

⁷⁵Ibid., *Ibidem.*, *passim.*, p. 173-174.

sugestão prática sobre a ideia de *totalidade do país*, Fanon esboça uma condição direta de transformação material. Isso porque, a colonização não explora a totalidade dos recursos naturais, já que é extrativista. A economia implantada pela metrópole cerceia alguns recursos específicos como se o território colonizado fosse, em resumo, uma grande fazenda. Uma problemática econômica da nova nação que tem recursos viciados e escassez de produção e industrialização. Custa caro o desenvolvimento e o despreparo da nova classe dominante. Assim, Fanon não mede palavras em suas proposições afirmativas. Nacionalizações, sindicalizações, reformas de recursos. Tudo pode ser interpretado como transformação condicional da realidade material que pode superar as contradições viciosas impostas.

Nacionalizar o setor terciário é organizar democraticamente as cooperativas de compra e venda. É descentralizar essas cooperativas, gerando interesse das massas pela gestão dos negócios públicos. Como se vê, tudo isso só pode ter êxito se o povo for politizado [...]⁷⁶

[...] O partido não é um instrumento nas mãos do governo. Pelo contrário, é um instrumento nas mãos do povo [...]⁷⁷

[...] O partido deve ser descentralizado ao extremo [...]⁷⁸

[...] Para o povo, o partido não é a autoridade, mas o organismo através do qual exercer, enquanto povo, sua autoridade e sua vontade. [...]⁷⁹

[...] Para chegar a essa concepção de partido, é preciso antes de tudo se livrar da ideia muito ocidental, muito burguesa, e logo muito desdenhosa, de que as massas são incapazes de governar. Na verdade, a experiência prova que as massas compreendem perfeitamente os problemas mais complicados.⁸⁰

Estas afirmações políticas de Fanon, reiteram suas normas de agência e viabilidade de valor pelos atores dominados. O procedimento segue o mesmo das agências anteriores em um grau político e de aplicabilidade particular, mesmo que no mesmo

⁷⁶Ibid., *Ibidem.*, p. 179.

⁷⁷Ibid., *Ibidem.*, p. 183.

⁷⁸Ibid., *Ibidem.*, p. 184.

⁷⁹Ibid., *Ibidem.*, p. 184.

⁸⁰Ibid., *Ibidem.*, p. 186.

cenário e com os mesmos atores. O que muda é a condição objetiva em uma agência de superação nas adequações específicas de Fanon. Estas práticas de agência seguem a contralógica da espontaneidade em uma agência doméstica e formalizam novos significados e sentidos de unidade e identidade nacional na representação dos sujeitos. O significado se dá na imagem efetivada na estrutura orgânica de agência e viabilidade de diálogo dos sujeitos de categoria basilar dentre os dominados. O sentido se dá na dinâmica da agência totalizante e estruturante do formato participativo popular dos sujeitos. Da espontaneidade e suas normas de agência, Fanon manifesta necessidade de continuidade e superação da repetição da lógica imposta pelo modelo da intersubjetividade dominante. A consciência só é adequada em certas condições e participações dos atores sociais. “A coisa pública deve ser a coisa do público”⁸¹. Para além de um discurso, mas um exercício cidadão de agência de consciência dialética e educativa, autoeducativa e autoconsciente. “É como dizia Césaire, “inventar almas””⁸².

Me parece uma nova significação para o conceito de soberania dentro da consciência e suas agências adequadas. Uma soberania condicional e ideológica, espiral na relação conceitual de sua identidade prática e de sua libertação por meio da agência adequada dos sujeitos históricos.

É preciso passar rapidamente da consciência nacional para a consciência política e social.⁸³

⁸¹Ibid., *Ibidem.*, p. 193.

⁸²Ibid., *Ibidem.*, p. 196.

⁸³Ibid., *Ibidem.*, p. 201.

A consciência não toma em Fanon, uma perspectiva de autoconhecimento subjetivo, mas se entrega a um conceito programático, objetivo. Mesmo objetivo, em um sentido de *dever-ser*, *dever-chegar* encara uma intersubjetividade em forma de nova linguagem. Se antes era a linguagem da violência, se propõe aqui a linguagem da educação e formação mútua. O humano é um resultado de sua prática e sua linguagem presente no real. O entusiasmo da agência própria das massas dirige a si mesmo e redesenha o conceito humano pois tem uma nova consciência de si feita por si e para si. Supera na prática das agências organizativas e unitárias dos sujeitos os paradoxos e percepções de qualquer lógica desumanizante. Há em um exercício de viabilidade de consciência comum, uma agência da pedagogia do diálogo, de onde saem as cicatrizes da história. Aqui o totalizante é o concreto do prático e programático objetivo. Humanizar é tarefa e psicologia da ação. A dialética da espontaneidade em um novo nível de consciência e aplicabilidade. Longe dos comuns formalismos *esterilizantes*, Fanon entende a função filosófica da política enquanto meio para um fim comum dos sujeitos. A vontade como agência original dos sujeitos, ganha novos contornos possíveis em Fanon, pois ele vivencia sua mudança de condição no dia-a-dia e no global, mesmo que em seu entendimento como adequado ou não. Suas resoluções são portanto particulares, mas palatáveis em um sentido prático e moral. A soberania é um programa político e normativo e não um conceito racionalizado *a priori*, seja qual for sua determinação em cada espaço e tempo específico. De acordo com cada cultura particular de cada povo e seus sujeitos, Fanon faz sua crítica do que se assemelha e o que diversifica nos casos das novas nações emergentes e seus papéis no cenário global e na tarefa e programa do humanismo como processo de agência. Como esta dialética e normativa encara a antítese da identidade não só como agência de consciência,

mas como expressões particulares de cultura? Complementa a consciência, a cultura e sua definição em um próximo exercício de agência na formação do humano radical fanoniano.

II.II Estética da Cultura

Conceito

Cada geração, numa relativa opacidade, deve descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la.⁸⁴

O amadurecimento da cultura e da missão de cada geração ou povo é o próximo passo da crítica conceitual de Fanon no exercício decolonial. A cultura é uma parte da consciência e uma maneira de expressão nas agências dos sujeitos colonizados. Quais os valores e práticas adequadas ao entendimento de cultura em Fanon? A identidade cultural segue um semelhante procedimento de agência, nesse caso temporal, enraizado em passado, presente e futuro. É uma expressão temporal da identidade da consciência nacional. A configuração prática das agências normativas do programa decolonial e humanizante sob o aspecto particular da cultura, ganha o papel de *missão*. Os sujeitos do povo condenado tem sua linearidade e horizonte histórico e suas maneiras de demonstrar esteticamente nas diferentes linguagens artísticas suas infinitas mazelas e determinidades particulares. A missão se desenrola nas agências dos sujeitos e reflete em uma bifurcação dialética da consciência em direção a identidade nacional em complemento a ação de transformação decolonial. A missão é geracional, dos sujeitos particulares de uma geração determinada, mas compreende a continuidade da missão da nação como unidade dos sujeitos históricos.

Há um terreno intersubjetivo que é deixado para a superação dialética da história em programa objetivo. A razão se faz prática na história e nos sujeitos nos espaços nacionais e globais, deixando um legado de agência de superação. Aqui há um

⁸⁴Ibid., *Ibidem.*, p. 207.

paralelo das normas de agência programáticas indicadas por Fanon em sua consciência nacional. Isso porque, a “legitimidade da reivindicação de uma nação”⁸⁵, não se esgota em um partido e sua prática dialética e popular. As agências de cultura não se dão unicamente em um conjunto aglutinado formal de sujeitos. Há uma diferença fundamental de efeito em relação à agência da consciência. O que se apresenta na forma da consciência é o real vivido e sua atualidade na ação praticada. Já em termos de cultura nacional, o que se apresenta legítimo são critérios menos pragmáticos e distantes do real vivido. Parte da expressão estética da identidade cultural e sua agência é subjetiva, mesmo que condicionada pela linguagem, intersubjetividade. Isso porque há nebulosidade desta característica da identidade, imposta pela supremacia econômica do dominador, a necessidade de distanciamento da identidade da figura do sujeito colono, os arquétipos ultrapassados das categorizações racializadas dos sujeitos colonos e o subdesenvolvimento territorial e suas consequências deficitárias de agências às portas da independência e do imperialismo. Isso transforma a subjetividade dos sujeitos em suas agências de expressão e limita, na condição material e conceitual, a acessibilidade dos sujeitos dominados à identidade cultural. A cultura, dentro de uma linguagem de conflito, mesmo que mais adequada em relação à dominação colonial, é inviabilizada e é epistemologicamente inacessível.

A construção geral de cultura foge aos sujeitos em uma linguagem de desumanização e dominação. Não há, assim, um exercício específico de legitimação da cultura enquanto identidade e expressão do conteúdo e agência dos sujeitos condenados. A reivindicação da cultura nacional é limitada a pequenos grupos sociais ou categorias específicas de sujeitos. A questão da identidade da nova

⁸⁵Ibid., *Ibidem.*, p. 208.

nação independente é mais um processo normativo em Fanon, que responde a mesma lógica anterior mas em termos mais subjetivos no que diz respeito ao entendimento das agências e expressões culturais. A expressão é nacional, mas passa por sujeitos específicos, independente de seus acessos à o geral das identidades e agências dos demais sujeitos. Além da função mais isolada dos sujeitos, o tempo é importante. Não só na percepção particular de geração, mas na agência de formação histórica de identidade. É uma determinidade crítica do futuro e do presente e molda o passado, ou a ideia de passado. Supera a idealização lógica dominante de barbárie apresentada pelo sujeito colono de valor racista.

Portanto, qual pode ser o conteúdo que define a cultura legítima e qual a agência adequada para se alcançá-lo? Para Fanon é preciso superar agências alienantes realizando metódicos passos subjetivos de identidade, em uma consciência já estabelecida. A alienação imposta na linguagem do colonizador é um esforço histórico de desumanização dos sujeitos dominados.

Quando se reflete sobre os esforços que foram empregados para realizar alienação cultural tão característica da época colonial, compreende-se que nada foi feito por acaso e que o resultado global buscado pela dominação colonial era exatamente convencer os nativos de que o colonialismo deveria retirá-los das trevas.⁸⁶

Este empreendimento de alienação é entendido em Fanon como exitoso de um ponto de vista de linguagem. A linguagem da violência também reflete na estética e reconhecimento cultural dos sujeitos colonizados. A vontade de identidade como sujeito colono e sujeito metropolitano, se demonstra como alienante e é estimulada pela linguagem da dominação. Seu valor de superioridade é uma axiologia aplicada pelo sujeito dominador na lógica colonial. A ideia de humano e universal da lógica do

⁸⁶Ibid., *Ibidem.*, p. 211.

ocidente tem sua antítese no não-humano dominado, não civilizado, de valor moral inferior, sem agência própria. O pensamento subjetivo dos sujeitos condenados é resultado desta sistematização superestruturante resultante da dominação de agência colonial material. Há um processo subjetivo de entendimento e expressões que é demonstrado neste capítulo. Este se inicia na busca pelo passado como identidade. A busca pela legitimidade do passado, à raiz dos sujeitos colonizados, se torna adequada pela agência de distanciamento da cultura dominadora ocidental como fundadora da história global e da história da nação particular. Os estudos do passado dignificam o sujeito colonizado pois ele se demonstra humanizado e autônomo das próprias agências, longe da linguagem da barbárie do sujeito colonizador. Entendo que, Fanon atenta para um processo complexo do reconhecimento de um passado pré-colonial dos sujeitos particulares. Negar completamente o presente e a histórica recente em um retorno a impressões fixas do passado, é alienante. A identidade pré-colonial pode ser anacrônica e simplificadora das complexidades históricas do povo enquanto sujeitos históricos. A consciência e identidade cultural devem conter superações históricas que demonstram as particularidades geracionais dos sujeitos de um povo. É um complemento à consciência como identidade no programa de agências do humanismo fanoniano. É a aglutinação de conceitos estruturantes de uma identidade mista e dinâmica da história dos sujeitos de diversas categorias de um povo. Representa as facetas originárias, de agência, de superação da estrutura colonial e sua linguagem e os novos desafios do povo em reconhecimento e agência de viabilidade de comunicação. Me parece, a superação prática do empreendimento colonial de inferiorização dos sujeitos colonizados em não-humanos. É preciso determinar, além das gerações e do tempo, as demonstrações e códigos de agência

do atual e do registro histórico antropológico. Sob novas categorizações originais e práticas que não aquelas da linguagem do sujeito ocidental.

Este fenômeno de reconhecimento estrito e específico é também uma tarefa de identidade continental, maior que qualquer fronteira, pois as dinâmicas de agências culturais ignoram as fronteiras impostas pelo humano, potencializando a unidade de ação, mesmo que a dominação também tenha se dado em escala global/continental. Passado, presente, futuro e território amplo e estrito. Porém, Fanon revela sua normativa nos impasses das diferenciações da cultura continental e nacional, e práticas alienantes de identidade focadas na cultura. O isolamento da cultura generalizada em uma ação de exibicionismo amplo confunde os dinamismos particulares de agência das culturas nacionais e as determinações de identidade de indivíduos de uma particularidade em outra realidade ou estrutura de agência. A amplitude mascara as especificidades de cada povo e cada identidade individual. Os problemas existenciais e de agência e viabilidade de cada cultura e população são diversos e suas resoluções, dinâmicas e tempo, também. A heterogeneidade política das nações alheias cria contrassensos culturais. Estas ambiguidades causam alienação, segundo Fanon. Todos estes processos, mais subjetivos, são exercícios de amadurecimento, que se inserem na agência da identidade cultural que objetiva a humanização. A linguagem da violência vira a poética da violência, na própria alienação e agência de transformação da realidade, a identidade cultural é manifesta. Para Fanon, há três passos desse reconhecimento do sujeito em si e no todo, exemplificado na obra pelo intelectual e sua produção.

1-Aceitação/ assimilação da cultura do ocupante.

Numa primeira fase, o intelectual colonizado prova que assimilou a cultura do ocupante. As suas obras correspondem ponto por ponto às dos seus homólogos metropolitanos. A inspiração é europeia e facilmente se podem ligar essas obras a uma corrente bem definida na literatura metropolitana. É o período de assimilação integral. Encontrar-se-ão nesta literatura do colonizado parnasianos, simbolistas e surrealistas.⁸⁷

2-Mergulho a memória de sua relação com o próprio povo.

Numa segunda fase, o colonizado movimenta-se e procura recordar-se. Este período de criação corresponde aproximadamente à imersão que acabamos de descrever. Mas como o colonizado não está integrado no seu povo, contenta-se somente em recordar. Velhos episódios da infância serão recolhidos do fundo da memória, velhas lendas serão interpretadas em função de uma estética emprestada e de uma concepção do mundo descoberta debaixo de outros céus. Algumas vezes essa literatura, anterior ao combate, estará dominada pelo bom-humor e pela alegoria. Período de angústia, de mal-estar, experiência da morte, experiência da náusea. Vomita-se, mas já, por debaixo, se prepara o riso.⁸⁸

3-Combativo; Produção agitativa para o próprio povo e sua consciência

Por último, numa terceira fase, chamada de luta, o colonizado — depois de haver tentado colocar-se entre o povo, transforma-se no que desperta o povo. No decorrer contrário, o povo. Em vez de favorecer a letargia do povo, transforma-se no que desperta o povo. No decorrer desta fase, um grande número de homens e mulheres, que antes nunca pensaram em fazer uma obra literária, encontram-se agora em situações especiais, na prisão, na guerrilha ou em vésperas de serem executados, sentem a necessidade de expressar a sua nação, de compor a frase que exprima o povo, de se converterem em porta-vozes de uma nova realidade em acção.⁸⁹

⁸⁷Ibid., *Ibidem.*, *passim.*, p. 222-223.

⁸⁸Ibid., *Ibidem.*, p. 223.

⁸⁹Ibid., *Ibidem.*, p. 223.

Estes passos subjetivos de reconhecimento e produção de expressão cultural são definidos por uma condição já concreta de transformação de agência dos sujeitos já citados pelo autor. A cultura procede à transformação da condição.

Mais cedo ou mais tarde, porém o intelectual colonizado vai se dar conta de que não se prova uma nação a partir da cultura, e sim no combate travado pelo povo contra as forças de ocupação.⁹⁰

Independente deste processo subjetivo se dar em qualquer momento das fases e categorias de ação ou conceito em Fanon, a cultura só será estruturada e aparente, respeitando a dialética da ação e transformação geral de condição no processo decolonial. O tema povo é determinado pelas condições e a maturidade das diferentes expressões culturais e suas agências particulares se dá com a maturidade do humanismo, da identidade de consciência e as particularidades de cada povo e seus sujeitos. Há uma agência da pedagogia e autonomia no procedimento de afirmação da cultura e do próprio humano, nestas representações culturais politizantes.

Porém, esses criadores esquecem que as formas de pensamento, os hábitos alimentares, as técnicas modernas de informação, de linguagem e de indumentária, reorganizaram dialeticamente o cérebro do povo, e que as constantes que foram a salvaguarda durante o período colonial estão sofrendo mutações terrivelmente radicais.⁹¹

Assim como a identidade da consciência, aqui exponho o papel de meio para um fim e não fim em si mesmo deste processo de agência de cultura. Não é uma antítese lógica da universalidade ocidental de raça com uma axiologia de uma lógica de

⁹⁰Ibid., *Ibidem.*, p. 224.

⁹¹Ibid., *Ibidem.*, p. 225.

superioridade ou imposição de agência ao diferente. Mas entendo como representações de auto admiração em direção a uma agência de humanidade integrada. Uma superação dos signos pejorativos que em uma lógica da violência definiram diferentes culturas, raças e identidades. Apesar dos exemplos locais das culturas africanas e latinas em sua obra, fica claro para Fanon, que qualquer agência de desumanização presumida por uma conceituação oriunda de uma dominação, é a raiz do racismo e suas contradições históricas e opressoras.

A cultura é portanto, em grau menor, um aspecto da identidade, demonstrativo da relação subjetiva e intersubjetiva do exercício de humanização adequado. É uma consequência das agências nas particularidades individuais, reflexivas e técnicas da transformação do sujeito não-humano dominado em ser humano em sua normativa de *dever-ser*, *querer-ser*. É um aspecto menor, mas de grande responsabilidade de demonstração e manifestação do programa de ação decolonial. Apresenta uma nova estética de forma e conteúdo que ensina e reproduz as agências e conceitos da transformação e afirmação do humano em relação ao globo. Tanto a esfera representativa global, quanto a significação da identidade nacional, parecem ter um certo procedimento e relevância nas determinações de Fanon para os aspectos definidos da cultura e sua missão.

A responsabilidade do homem de cultura colonizado não é uma responsabilidade frente à cultura nacional, mas uma responsabilidade global perante a nação como um todo, de que a cultura não é, em definitivo, senão um aspecto [...]⁹²

[...] A cultura nacional não é o folclore no qual um populismo abstrato quis descobrir a verdade do povo. Não é uma massa sedimentada de gestos puro, isto é, cada vez menos associável à realidade presente do povo. A cultura nacional é o conjunto dos esforços feitos por um povo no plano do pensamento, para descrever, justificar e louvar a ação através da qual o

⁹²Ibid., *Ibidem.*, p. 234.

povo se constituiu e se manteve. A cultura nacional, nos países subdesenvolvidos, deve, portanto, se situar no centro mesmo da luta de libertação empreendida por estes países.⁹³

Portanto, há, para Fanon na dominação colonial uma certa substantificação das atitudes. Não é possível a existência de uma cultura dita nacional no meio de dominação colonial, se não apenas uma cultura contestada. A dominação cria, no máximo, uma tensão transitória, pois sua linguagem da violência tem caminho comum em agências de expressões culturais forçadas e de conteúdo imposto e não original. O desenvolvimento da consciência nacional desencadeia a real cultura nacional. As linguagens culturais se transformam na mesma medida em que a consciência cresce. A cultura é um aspecto notável e estético da nova identidade em formação. A cultura não é uma invenção, senão uma manifestação da necessidade de ser de um povo e seu *ser-estar* contínuo. Não é perene ao tempo, sim metamórfica as transformações sociais e suas condições intersubjetivas e particularidades subjetivas.

⁹³Ibid., *Ibidem.*, p. 235.

II.III Humanismo radical

Processo e Ideia

Defendo que, a identidade por meio da consciência e da cultura, são aberturas para a agência da comunicação, interna e externa, subjetiva, intersubjetiva e objetiva. É novamente em Fanon um exercício de afirmação e agência, desta vez conceitual. Do sujeito à nação e da nação ao global. A humanização é sim um processo. Novamente, é um programa objetivo, que supera a identidade como uma ideia universal. O humanismo é uma expressão de comunicação e diálogo do humano consigo mesmo em um exercício dialético reflexivo. As condições e contradições especificam as etapas e linguagem deste processo, mas sua necessidade e dever ainda permanece. A identidade como processo de humanização é um programa de libertação decolonial e não é uma maneira de se fechar ao mundo. Exatamente o oposto, é uma abertura comum. É a agência de reciprocidade pragmática dos seres em um seguimento do processo emancipatório enunciado na análise geopolítica e filosófica de Fanon. O humanismo em Fanon é radical pois expõe sua raiz no sujeito condenado e a fundamenta em uma prática de relação adequada em uma identidade consciente de si. As agências e lógicas dominantes tratam de uma identidade universalizante e desumanizante do diferente em um programa explícito de particularização pela inferiorização. Nem entre as particularidades nacionais de sujeitos condenados há a necessidade de agência e uma intersubjetividade que negligencia a identidade nacional alheia.

Os povos emergentes devem se identificar como unidade em agência e humanização radical, objetivando a emancipação. As normativas de agência em Fanon demonstram um dever de reconhecimento das matrizes de identidade e

objetividade de prática políticas de consciência e cultura. Fanon elucida processos críticos e bem específicos, que podem servir de plano de ação de uma transformação social e conceitual. Suas representações axiológicas de raça e nacionalidades se transformam em uma dinâmica de classe na categorização de sujeitos e suas particularidades e deveres de agência. O dever de não diferenciar outro sujeito oprimido, porque o objetivo que poderia ser opaco, segundo Fanon, se torna nebuloso e de difíceis critérios e agência. Os aspectos iluminados da consciência e cultura são tão nítidos nas especulações de ação e categorias de Fanon, que seu esquema estruturante parece demonstrar em aplicação de diagnóstico as fraquezas e acertos da contemporaneidade. Porque, mesmo que a identidade siga sendo uma problemática graças à condição e linguagem e lógica que a precede e define, o caráter totalizante das ações necessárias e da normativa de ética de Fanon em movimento dialético, seguem os objetivos humanistas do autor. A comunicação deixa de ser simbólica e torna-se mais um passo da agência de conscientização massiva dos indivíduos.

Se a cultura é a manifestação da consciência nacional, eu não hesitaria em dizer, no caso de que tratamos, que a consciência nacional é a forma mais elaborada da cultura.

A consciência de si não é fechamento à comunicação. A reflexão filosófica nos ensina, ao contrário, que ela é a garantia de comunicação. A consciência nacional, que não é o nacionalismo, é a única que nos dá dimensão internacional.⁹⁴

⁹⁴Ibid., *Ibidem.*, p.248.

III- PRÁXIS

Por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo força o povo dominado a se perguntar constantemente: “Quem sou eu, na realidade?”.⁹⁵

A emancipação humana depende de uma práxis esquemática decolonial que tem como êxito um novo humano que integra as condições materiais específicas de superação das contradições sociais e racionais.

III.I Desumanização aplicada

Proposição

O colonialismo é um sistema que funda uma percepção generalizada do outro em uma categoria específica, a do *não humano* e das *regiões do não humano*. A dominação física e totalizante dos corpos, espaços e idéias, é feita de tal maneira violenta, que nega a existência dos dominados. O *condenado da terra*, nada mais é do que uma ferramenta, um meio produtivo, um produto, um sub-humano, uma fera doméstica. Se a dialética clássica hegeliana⁹⁶ demonstra o *Ser* e seu desdobramento com os contrários em suas determinações e particularidades com o universal absoluto, aqui, a prática demonstra um *não-ser*, que força a se entender como uma determinidade limitada e estritamente motora de sua própria existência. Não há consciência de si, pois não há o ser. Apenas o *não-ser*. A linguagem da dominação é apenas um exercício de não reconhecimento em si. A existência

⁹⁵Ibid., *Ibidem.*, p. 252.

⁹⁶Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1830), tinha como principal movimento na dialética moderna a negação do *não ser* como princípio do devir do ser. O desdobramento do ser era a determinidade de todas as coisas. Em resumo, o movimento dialético do ser ou espírito subjetivo tinha como objetivo o universal absoluto. Seu idealismo é consagrado como uma teoria do reconhecimento.

contestada é a não existência dos não-seres. Sua função é apenas motora e não cabe a estes corpos seu próprio entendimento. Não há uma ideia de razão, para além de uma expectativa instintiva de existência. A linguagem da violência é o diálogo superficial de si mesmo. Por esta razão, desde seu início, o reconhecimento é também tarefa física e violenta. As camadas de negação são tamanhas, que todos os exercícios musculares de reconhecimento fanonianos são agitados em suas particularidades e forma. A sensibilidade nasce de um processo violento e de externalidade. A subjugação do humano o faz perceber como não sendo. Não é um jogo nulo. A desumanização já tem uma sistemática própria e em constante exercício. Nenhum não-humano começa de uma plataforma imparcial e suspensa no espaço-tempo. A condição de não existência denuncia o humano que não se reconhece como tal. Dentro de todas as mazelas de um espírito subjetivo e racional, as negações de identidade são sombras desumanizantes. A maquinaria colonial tem suas peças bem estabelecidas e propositalmente posicionadas. Por isso a insistência de animalização e moralização dos movimentos de reconhecimento nacionais, de consciência e identidade, feita pelos sujeitos dominadores.

A subjugação econômica é a condição relacional que gera uma dialética do não ser, uma antidialética. Esta antidialética sistêmica é a resposta racional da exploração, sua mais genuína demonstração. A natureza é hostil no colonialismo. Violência total é a regra da percepção do ser que é sempre negado em cada instante de sua experiência social. Há no diagnóstico do cenário colonial em Fanon, um fenômeno de *sociogênese*⁹⁷, de origem social e condicional das estruturas totalizantes de

⁹⁷Semelhante a ideia de *ontogênese* de Freud, como uma origem social nas definições subjetivas e psicológicas dos seres. As relações do *social* têm como consequência o fenômeno da subjetividade, no caso de estudo do colonialismo, a patologização psicológica é resultante do cenário total de violência.

formação do imaginário e psicologização coletiva. A negação da dialética do reconhecimento é uma *patologia social*. Esta patologia é um processo fenomenal de particularização das patologias subjetivas dos colonizados e colonos. Isso se demonstra na colonização e na guerra total de libertação dos sujeitos colonizados. Isso porque as formações das subjetividades são afetadas pela condição e linguagens intersubjetivas que se apresentam no cenário. No capítulo *Guerra colonial e distúrbios mentais*, Fanon traz ligeiros estudos de casos de inúmeras determinidades patológicas engatilhadas pelas condições de totalização violentas específicas do cenário em que atua. A guerra total na Argélia; a racialização dos colonizados; a violência dos colonizadores; a falsa superioridade do dominador; a raiva inexplicável de cada sujeito. A linguagem da violência total da guerra de libertação, mesmo que na busca pelo humano adequado, é devastador, mesmo que aparentemente necessário. Os relatos de Fanon afetam todos os tipos de corpos e classes e suas agências. Vítimas de tortura localizada, negam a moral e a existência de qualquer motivo de identidade.

[...] Em seguida, *uma indiferença a qualquer argumento moral*. Para esses pacientes, não há causa justa [...] ⁹⁸

A série de torturas, não só as realizadas em delegacias de polícia, molda uma sociedade doente e desumanizadora, é sintomático que o universal tenha uma identidade específica do indivíduo metropolitano enquanto a negação racional do ser é tudo que diverge deste. O sujeito colono agencia esta definição sistêmica. Tamanha é a necessidade de justificá-la, que a ciência ocidental buscou racionalizar e exemplificar uma impulsividade natural a corpos divergentes dos sujeitos

⁹⁸FANON, Frantz Omar, *Os Condenados da Terra*, *op. cit.* p. 290.

dominados. Na subseção, *Sobre a impulsividade criminosa do norte-africano na guerra de libertação*, Fanon coleta exemplos de estudos racistas de justificação e animalização dos colonizados racializados, realizados pela ciência ocidental. Me parece que, isso reitera que o processo de ação e identidade dos sujeitos dominados é contínuo e deve seguir uma dialética e pedagogia da libertação.

É preciso não só combater em prol da liberdade de seu povo. É preciso também, ao longo do tempo que dura o combate, ensinar novamente a este povo, e em primeiro lugar a si mesmo, a dimensão do homem. É preciso percorrer de novo os caminhos da história, da história do homem condenado pelos homens, e provocar tornar possível o encontro de seu povo e dos outros homens.⁹⁹

As resoluções teóricas de Fanon em seu último capítulo de CDT, são exposições de casos e a aplicabilidade da desumanização e da linguagem da violência nas subjetividades e agência dos sujeitos deste cenário. Sujeitos dominados e dominadores. É uma demonstração empírica de sua teoria do diagnóstico e conceito apresentado nos capítulos anteriores. Não cabe aqui, demonstrar esses casos para além de exemplificar as conclusões fanonianas da desumanização do sistema da violência colonial. O embate dialético e processo de descolonização é justificado no cenário patológico apresentado por Fanon em suas séries de casos. “Pois o colonialismo não fez outra coisa a não ser despersonalizar o colonizado. Essa despersonalização é sentida igualmente no plano coletivo no nível das estruturas sociais”¹⁰⁰. Para Fanon, a única solução para desumanização é prática e demonstra isso em palavras de ordem, interpretadas aqui como agências normativas, moralizadas pelo contexto e seus respectivos agentes.

⁹⁹Ibid., *Ibidem.*, p. 303.

¹⁰⁰Ibid., *Ibidem.*, *passim.*, p. 303-304.

Ao longo dos últimos anos, tive a oportunidade de verificar um dado muito clássico: a honra, a dignidade, o respeito à palavra dada só podem se manifestar no âmbito de uma homogeneidade nacional e internacional.¹⁰¹

A prática revolucionária, se quiser ser globalmente libertadora e excepcionalmente fecunda, exige que nada de insólito subsista.¹⁰²

Os valores determinantes da identidade procedem a agência normativa em Fanon. Sua necessidade é de minimizar a distância do sujeito não-humano para sua condição de humanidade. É um sistema de ações e significados que *precisa* de sua viabilização para que os valores de mínima dignidade desses sujeitos particulares sejam alcançados em uma escala universal concreta.

Mais uma vez o objetivo do colonizado que luta é provocar o fim da dominação. Mas ele deve igualmente zelar pela liquidação das não verdades fixadas em seu corpo pela opressão.[...]¹⁰³

[...] Quando a nação toma impulso na sua totalidade, o homem novo não é uma produção a *posteriori* dessa nação, mas coexiste com ela, desenvolve-se com ela, triunfa com ela. Essa exigência dialética explica a reticência em relação às colonizações adaptadas e as reformas de fachada. A independência não é uma palavra a ser exorcizada, mas uma condição indispensável à existência dos homens e das mulheres verdadeiramente libertos, isto é, donos de todos os meios materiais que tornam possível a transformação radical da sociedade.¹⁰⁴

¹⁰¹Ibid., *Ibidem.*, p. 305.

¹⁰²Ibid., *Ibidem.*, p. 314.

¹⁰³Ibid., *Ibidem.*, p. 319.

¹⁰⁴Ibid., *Ibidem.*, p. 319.

III.II Sistema Prático

Proposição

Para todos os efeitos, a *Conclusão* de Fanon em CDT é um chamado crítico para o que entendia ser a adequada ação. A ação que viabiliza a agência de transformação do que pode ser o humano e sua condição mínima. A superação de uma condição histórica e alienante.

A condição humana, os projetos do homem, a colaboração entre os homens para tarefas que incrementam a totalidade são problemas novos que exigem que exigem verdadeiras invenções.¹⁰⁵

A alienação provocada pela colonização e seus sujeitos históricos é muito mais que uma denúncia episódica. Para Fanon é uma disputa de superação dialética da realidade e das agências que fazem o humano ser constituinte, nas ações e conceitos. É moralmente histórica, em seu entendimento, as agências e viabilizações de mudança de condição e linguagem/lógica.

O Ocidente quis ser uma aventura do Espírito. Foi em nome do Espírito - do espírito europeu, entenda-se - que a Europa justificou seus crimes e legitimou a escravidão na qual mantinha quatro quintos da humanidade. [...] ¹⁰⁶

[...] Todos os elementos de uma solução para os grandes problemas da humanidade existiram, em momentos diferentes, no pensamento da Europa. Mas a ação dos homens europeus não realizou a missão que lhes cabia e que consistia em refletir intensamente sobre esses elementos, em modificar a sua disposição, seu ser, em mudá-los, enfim, em levar o problema do homem a um nível incomparavelmente superior.¹⁰⁷

¹⁰⁵ *Ibid.*, *Ibidem.*, *passim* p. 324-325.

¹⁰⁶ *Ibid.*, *Ibidem.*, p. 325.

¹⁰⁷ *Ibid.*, *Ibidem.*, p. 326.

Fanon parece resolver um *paradoxo de identidade* onde os sujeitos dominadores impõem uma universalidade dos particulares, quando Fanon exige uma agência de particularização dos universais. Sua última resolução é além de prática uma reflexão sobre uma não replicação de uma lógica filosófica que possa reutilizar as agências dominantes. Um novo humano carece de uma nova filosofia.

Trata-se para o Terceiro Mundo, de recomeçar uma história do homem que considere não só as teses por vezes prodigiosas defendidas pela Europa, mas também os crimes da Europa, dos quais o mais odioso terá sido, no interior do homem, o esquarteramento patológico de suas funções e o esfacelamento de sua unidade; no contexto de uma coletividade, a quebra, a estratificação, as tensões sangrentas alimentadas pelas classes; enfim, na escala imensa da humanidade, os ódios raciais, a escravidão a exploração e sobretudo o genocídio exangue representado pela segregação de 1,5 bilhão de homens.

Portanto, camaradas, não paguemos tributo à Europa criando Estados, instituições e sociedades que nela se inspirem.

A humanidade espera outra coisa de nós que não essa imitação caricatural e, no conjunto, obscena.¹⁰⁸

Uma nova filosofia, cabe ressaltar, não significa ignorar qualquer resolução relevante em um sentido teórico qualquer que seja sua origem. É entender criticamente as condições e aplicações dos sentidos e significados filosóficos e entender as adaptabilidades possíveis das superações e atualizações críticas da filosofia. Não me parece que a filosofia em Fanon seja uma descrição fenomênica da realidade, mas uma metodologia consequente de um mundo real. Realidade esta, que trouxe a Fanon, a luz de atualização da dialética clássica e do marxismo. Entender isto como base do pensamento de Fanon, facilita ao seu leitor compreender a estruturação básica de seu exame global, mesmo que em seus termos e aplicações originais. O *materialismo-histórico e dialético*¹⁰⁹ de sua análise/explicação do real é claramente o

¹⁰⁸Ibid., *Ibidem.*, p. 327.

¹⁰⁹Estrutura de entendimento da realidade a partir de uma dialética da materialidade onde há um enfrentamento sociopolítico enraizado na historicidade e reflete na materialidade estruturalmente, formando as diretrizes ideológicas e práticas na existência e trocas produtivas e objetivas entre indivíduos ou grupos de indivíduos elucidado por Marx e Engels como uma estrutura metodológica em acréscimo a dialética hegeliana e estudos sociológicos para superação de contradições reais de seus contemporâneos.

definidor dos contrários e contradições dos sujeitos dominadores e sujeitos dominados em todas as esferas materiais, práticas e teóricas- real; normativo e conceitual. As implicações particulares são de sua própria leitura crítica que não nega sua origem epistemológica e adaptação. Não foge também, a teoria do reconhecimento em Hegel, onde sua dialética mistura os sujeitos e suas particularidades ao outro, ao mundo e a história. A agência e o conceito cooperam em Fanon e o fazem dialeticamente.

A consciência de si é em si e para si quando e porque ela é em si e para si uma outra consciência de si; isto quer dizer que ela só é enquanto ser reconhecido.¹¹⁰

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. Não há luta aberta entre o branco e o negro. Um dia o senhor branco reconheceu sem luta o preto escravo. Mas o antigo escravo quer fazer-se reconhecer. Há, na base da dialética hegeliana, uma reciprocidade absoluta que precisa ser colocada em evidência. É na medida em que ultrapasso meu ser imediato que apreendo o ser do outro como realidade natural e mais do que natural. Se fecho o circuito, se tornou irrealizável o movimento nos dois sentidos, mantenho o outro no interior de si. Indo às últimas consequências, chegou mesmo a lhe tomar este ser-para-si.¹¹¹

A manifestação do *ser-ai* hegeliano em Fanon é a efetividade de um sistema prático decolonial de agência e conceito de libertação. São suas normas de viabilidade e comunicação levadas às últimas consequências. A superação de forma qualitativa de contradições do real em exercícios formadores e contínuos dos sujeitos e seus signos. Há uma objetividade particular ao *Absoluto*¹¹², a um objetivo do humano

¹¹⁰FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, *op. cit apud* Hegel, *Phénoménologie de l'esprit*, tradução de Hyppolite. p. 180.

¹¹¹*Ibid.*, *ibidem.*, p. 180.

¹¹²Com efeito, se o verdadeiro só existe no que (ou melhor, como o que) se chama quer intuição, quer saber imediato do absoluto, religião, ser - não o ser no centro do amor divino, mas o ser mesmo desse centro -, então o que se exige para a exposição da filosofia é, antes, o contrário da forma do conceito. O absoluto não deve ser conceptualizado, mas somente sentido e intuído; não é o seu conceito, mas seu sentimento e intuição que devem falar em seu nome e ter expressão. HEGEL ,

como um universal concreto e ativo em sua agência global e semiótica particularizante.

O único método de ruptura com este círculo infernal que me reenvia a mim mesmo é restituir ao outro, através da mediação e do reconhecimento, sua realidade humana, diferente da realidade natural. Ora, o outro deve efetuar a mesma operação. “A operação unilateral seria inútil, porque o que deve acontecer só pode se efetivar pela ação dos dois [...] Eles reconhecem a si próprios, como se reconhecem reciprocamente”. Na sua imediaticidade, a consciência de si é simples ser para si. Para obter a certeza de si mesmo, é preciso a integração do conceito de reconhecimento. O outro, igualmente, espera nosso reconhecimento, a fim de se expandir na consciência de si universal. Cada consciência de si procura o absoluto. Ela quer ser reconhecida enquanto valor primordial, desvinculado da vida, como transformação da certeza subjetiva (Gewissheit) em verdade objetiva (Wahrheit). Reencontrando a oposição do outro, a consciência de si tem a experiência do Desejo; primeira etapa do caminho que conduz à dignidade do espírito. Ela aceita arriscar a própria vida e consequentemente ameaça o outro na sua presença corporal. É apenas pelo risco de vida que se conserva a liberdade, que se prova que a essência da consciência de si não é o ser, não é o modo imediato em que a consciência de si surge inicialmente, não é dissolução na expansão da vida. Assim a realidade humana em-si-para-si só consegue se realizar na luta e pelo risco que envolve. Este risco significa que ultrapasso a vida em direção a um bem supremo que é a transformação da certeza subjetiva, que tenho do meu próprio valor, em verdade objetiva universalmente válida. Peço que me considerem a partir do meu desejo. Eu não sou apenas aqui-agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa. Exijo que levem em consideração minha atividade negadora, na medida em que persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos.¹¹³

Os reconhecimentos recíprocos se dão em condições possíveis em viabilidade e comunicação. O sujeito colonizado agencia seu próprio e original *em-si-para-si*. Há uma prática particular e generalizante aplicada a um cenário de exame em CDT. As dialéticas de Fanon são entre sujeitos historicamente contrários e agências específicas de sujeitos contraditórias às suas condições da linguagem na intersubjetividade da violência. A agência e a identidade como viabilidade e comunicação, se complementam e se contrariam no corpo filosófico fanoniano fazendo seu passo dialético na negação da condição e afirmação dos sujeitos e

Georg Wilhelm Friedrich. Fenomenologia do Espírito: tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

¹¹³FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas, *op. cit. apud* Hegel, Phénoménologie de l'esprit. p. 157. p. 180.

seus objetos de agência e identificação. É uma prática das ações e do reconhecimento em conjunto. Se o *devoir* é a primeira síntese em Hegel, em Fanon o *devoir* se encaixa na sua primeira tese, o reconhecimento como ação de afirmação *de-si* e negação de sua condição.

III.III Emancipação Objetiva

Estrutura e Totalidade

A revolução social não pode obter sua poesia do passado, mas apenas do futuro. Não pode começar consigo própria sem antes se despojar de todas as superstições relativas ao passado. As revoluções precedentes apelavam para a memória da história mundial, a fim de se drogar com o próprio conteúdo. Para realizar o próprio conteúdo, as revoluções do século XIX devem deixar os mortos enterrarem os mortos. Naquelas, a expressão ultrapassa o conteúdo, hoje, o conteúdo ultrapassa a expressão.¹¹⁴

Se a viabilidade/agência da normativa e a comunicação/identidade da consciência se complementam e se negam em certa reciprocidade e devir, qual seria sua síntese? Aqui entra a proposição de Fanon como um conjunto de prática e expressão, a *práxis*. Esta afirmação do ser se encontra implicitamente na comunhão de prática e expressão em todas as esferas do exame fanoniano. Isso porque o conjunto também exerce papel nas particularidades de cada uma de suas esferas de atuação. O termo consegue juntar as duas pretensões relevantes em CDT e as escalona a um objetivo específico e concreto: A emancipação. A ética normativa e o humanismo enquanto conceitos práticos em Fanon tem esta direção objetiva para os sujeitos em suas particularidades e alternativas perante uma condição específica. Um exame particular com um objetivo universalizante em sua concretude.

“Para um ser que adquiriu a consciência de si e de seu corpo, que chegou à dialética do sujeito e do objeto, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto da consciência.”¹¹⁵

A ação e a consciência se tornam possíveis quando tem seu horizonte e aplicabilidades normativas. A liberdade das alternativas condicionadas para uma

¹¹⁴Ibid., *Ibidem.*, apud K. Marx, Le dix-huit brumaire. [s/l] p. 185.

¹¹⁵Ibid., *Ibidem.*, apud Merleau-Ponty, Phénoménologie de la perception. p. 277.

liberdade específica e objetificada pelos sujeitos em seu próprio exame e exercício de superação. As condições e a linguagem limitam e desumanizam, mas sua possibilidade, mesmo que truculenta e contraditória, exerce para Fanon o exercício de emancipação do humano.

Um filósofo alemão descreveu este processo sob o nome de patologia da liberdade.¹¹⁶

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.¹¹⁷

Mesmo que, explicitamente nos textos de Marx e Engels haja uma certa resistência ou crítica a filosofia moral como estruturante de uma teoria de superação social, entendo que Fanon limita sua resistência. Se a linguagem da colonização é moralizante dos sujeitos e objetos, sua contralógica tende, por questão de condição, seguir um caminho semelhante. Além do óbvio valor das ações em Fanon, em um sentido de viabilização, comunicação e alternativa em si e global, também os valores se manifestam nas particularidades e consonâncias dos sujeitos em suas agências e resoluções. A consciência complementa este exercício como uma expressão de valorização das particularidades e movimentos dos conjuntos de sujeitos. O fim como objetivo crítico dos sujeitos emancipados também tem valor moral em cada sujeito ou categoria de sujeitos. Isso cria proximidade e identificação do objetivo comum.

¹¹⁶Ibid., *Ibidem.*, p. 187.

¹¹⁷MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. [S. l.]: Nelson Jahr Garcia, 2002. Disponível em: ebookbrasil.com. Acesso em: 1 jan. 2023.

Todas as vezes em que um homem fizer triunfar a dignidade do espírito, todas as vezes em que um homem disser não a qualquer tentativa de opressão do seu semelhante, sinto-me solidário com seu ato.¹¹⁸

Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente.¹¹⁹

Sou solidário do Ser na medida em que o ultrapasso. E vemos, através de um problema particular, colocar-se o problema da Ação. Lançado neste mundo, em determinada situação, “embarcado”.¹²⁰

A dialética fanoniana é clara em seu esquema e principalmente em suas precauções e objetivos. Não cabe aqui, esmiuçar uma ética do cotidiano. Fanon pensa em um cenário mais amplo e o particulariza nos sujeitos e suas ambições e carências. Sua estética também não é uma expressão sem conteúdo, há uma agência e conteúdo historicizante para isso. A síntese de Fanon é uma práxis para um concreto. Há nesta estrutura prévia em Fanon, capacidades e alternativas que abrem espaço para uma autônoma formação dos sujeitos e suas relações. As relações e seus limites e critérios, passam em um exame específico dos sujeitos em seus movimentos de afirmação. Este esquema visa um fim que não é em si mesmo e encontra particularidades à medida em que se molda e se repete em uma adequação contínua da realidade nas condições, agências e representações dos sujeitos colonizados. O esquema apresentado em CDT, demonstra conforme o gráfico a seguir, a dialética da afirmação e emancipação de Fanon:

¹¹⁸FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, *op. cit.* p. 187.

¹¹⁹*Ibid.*, *Ibidem.*, p. 189.

¹²⁰*Ibid.*, *Ibidem.*, p.190.

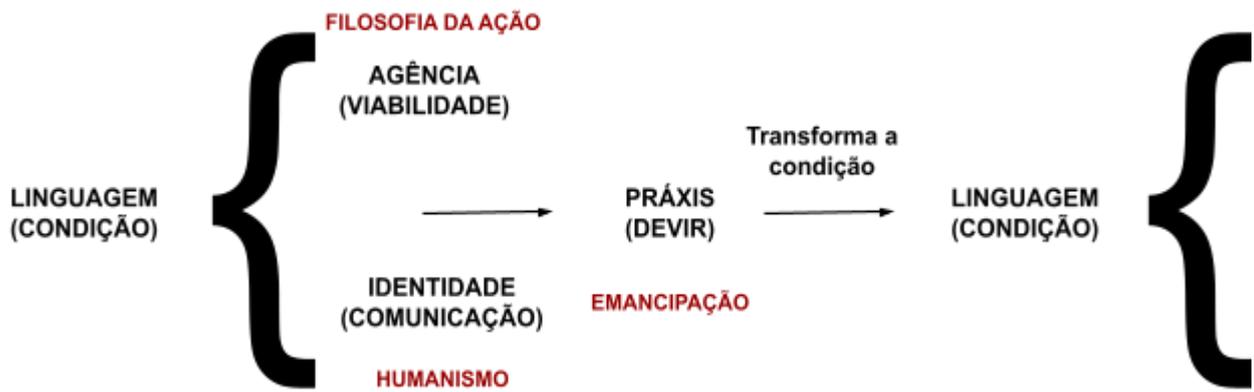


Figura II: Esquema dialético de Fanon

Esta dinâmica é totalizante pois é generalizante nos conteúdos de viabilização e comunicação. Não é, em minha perspectiva, uma plataforma e sistema fechado, pois tem em seu conteúdo uma abertura de particularidades contingentes. A condição define as alternativas de agência, mas há maleabilidade entre suas possibilidades e intersubjetividade.

Não se deve tentar fixar o homem, pois o seu destino é ser solto. A densidade da História não determina nenhum de meus atos. Eu sou meu próprio fundamento. É superando o dado histórico, instrumental, que introduzo o ciclo de minha liberdade.¹²¹

Observo, que por não ter um fim meramente em si mesmo, as agências e alternativas do esquema fanoniano, foge de uma teleologia e positivismo. Isso se dá nas questões de abertura de Fanon a uma atualização e adaptabilidade de sua teoria. O foco fundamental é no sujeito colonizado e como este pode transformar seu cenário e linguagem em um objetivo comum. Este objetivo tem um conteúdo que não é perene a história e espaço-tempo. Este se molda nas suas particularidades e

¹²¹Ibid., *Ibidem.*, p. 190.

aglutina o universal concreto da práxis. Concreto, pois se dá nas condições que se apresentam no universal. O novo humano de Fanon é resultante da práxis e um esforço contínuo de agência e adequação.

Têm de se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade. Um homem, no início de sua existência, é sempre congestionado, envolvido pela contingência. A infelicidade do homem é ter sido criança. É através de uma tentativa de retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens podem criar as condições de existência ideais em um mundo humano. Superioridade? Inferioridade? Por que simplesmente não tentar sensibilizar o outro, sentir o outro, revelar-me outro? Não conquistei minha liberdade justamente para edificar o mundo do Ti?¹²²

Há, portanto, uma práxis decolonial que busca o humano como emancipado e exige, dentre a complexidade das finalidades e meios de Fanon somados às agências específicas de quem a exerce, uma mudança material e ideológica de condições intersubjetivas e objetivas.

¹²²Ibid., *Ibidem.*, p. 191.

IV- ÉTICA

3

A teoria materialista de que os homens são produtos das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produtos de circunstâncias diferentes e de educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. Leva, pois, forçosamente, à divisão da sociedade em duas partes, uma das quais se sobrepõe à sociedade (como, por exemplo, em Robert Owen). A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como prática transformadora.

8

A vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão desta prática.¹²³

As massas devem aprender a exercer o poder no próprio exercício do poder; não existe nenhuma outra forma de lhes ensinar essa arte.¹²⁴

Fanon, deixa um legado teórico de ideias e agências que, além de atualizarem suas referências metodológicas de exame *diagnóstico; conceito; proposição*, complementam e dialogam com teorias e práticas decoloniais em uma avaliação de uma aplicação ética de sua dialética.

IV.I Epifania e Proximidade

Avaliação

Não me parece que o objetivo de Fanon, em sua enxuta obra crítica, foi de formular uma grande crítica teórica de filosofia geral. Seu exame da realidade se mistura com

¹²³MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. [S. l.: s. n.], 1845. Disponível em: http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Textos_para_aulas/Teses_Feuerbach.pdf. Acesso em: 1 jan. 2023. Escrito por Marx durante a primavera de 1845. Redigido e publicado pela primeira vez em 1888, por Engels como apêndice da edição em folheto à parte de seu Ludwig Feuerbach. Publica-se de acordo com o texto da edição em folheto à parte, de 1888, após confronto com o manuscrito de Marx.

¹²⁴LOUREIRO, Isabel. Rosa Luxemburgo. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, [s. l.], 7 mar. 2023. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/01/Rosa-Luxemburgo-2.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2023. p. 1-15 *apud* Luxemburgo, Rosa, 2017. *Textos escolhidos*, vol. II (1914-1919). Organização e tradução de Isabel Loureiro. 2a edição, São Paulo: Editora UNESP. p. 369.

suas implicações político-filosóficas e deixa impressões, por vezes claras, por vezes opacas, de terminologias e aplicabilidades filosóficas. Procurei distinguir, no máximo que se fez possível, suas pretensões específicas, com seus conteúdos e possibilidades de formulação teórica das categorias pertinentes em termos comuns da filosofia. Se Fanon deixa um legado normativo, conceitual e uma práxis plena em sua Filosofia e Obra, onde foi possível extrair um curso metódico de sua dialética e objetivo emancipatório, como é possível pensar um *Sistema* em suas considerações explícitas e implícitas em termos de uma filosofia e ética geral da libertação humana? Esta comparação me parece pertinente, pois entendo a ideia de ética como um sistema moral de filosofia prática, podendo ser normativa ou descritiva. Neste caso, Fanon descreve os valores do contexto de exame, mas não a partir de um fenômeno natural a ser descrito. O fenômeno moral obedece uma condição que pode ser mutável, desencadeando propostas de agência específicas ou amplas para adequação da prática global - somados aos agentes e contexto no caso de Fanon-. Portanto, a normativa de Fanon pode ser um esquema moral que se adapta a uma ideia de sistema prático, com fundamentação teórica aparentemente faltosa, mesmo que para esquematizar minimamente imperativos viabilizadores e adaptáveis.

Não há um relativismo na teoria normativa implícita em CDT, porém é preciso dar luz ao entendimento de quais são os critérios específicos da moral e prática em Fanon. A *vontade* se desencadeia em alternativas condicionais viáveis, nem por isso, se ignora uma, minimamente, rigorosa normativa e seu objetivo específico. Como já foi entendido, os termos normativos específicos se encontram na viabilidade, que tem valor adequado para as especificidades particulares e globais. A investigação e comparativo aqui, visa conversar com os termos gerais da filosofia e entender quais

resoluções possibilitam um imperativo normativo adequado e equilibrado sem ser dogmático ou relativista. Uma proposição sistêmica de Filosofia decolonial, se dá na obra do filósofo argentino Enrique Dussel, em *Filosofia da Libertação*. Sua pretensão apresenta termos aplicadores de uma especificação epistemológica superativa do cenário colonial. Desta vez, de forma propositalmente sistêmica. Comparar divergências e semelhanças entre ambas as obras - CDT: *Os Condenados da Terra*; FDL: *Filosofia da Libertação*-, pode demonstrar resoluções de uma estruturação ética como esquema aplicável e viabilizante de agência e adequação de condição real e intersubjetiva/objetiva. Dussel, apresenta um exame filosófico teórico explícito e que dialoga com importantes resoluções teóricas formadoras da filosofia em geral em FDL. O paradigma inicial em ambos os autores é a resignificação de quem conta a história. A partir desta premissa se faz o diagnóstico e exame e se define seus valores. Em Fanon está claro já na titulação de CDT, onde o viés é para ser narrado pelo sujeito condenado, onde demonstra sua denúncia colonial. Dussel, também se atreve a contar sua narrativa em FDL a partir da *vítima*, que é seu título para o sujeito condenado, o periférico, o colonizado. Sua filosofia da libertação é atribuída a uma perspectiva originária do cidadão do *terceiro mundo*. Uma visão particular àquela costumeiramente ocidental do sujeito universal.

1.1.8.7.2 Contra a ontologia clássica do centro, desde Hegel até Marcuse, para mencionar o mais lúcido da Europa, levanta-se uma filosofia da libertação da periferia, dos oprimidos, a sombra que a luz do ser não pode iluminar. Do não-ser, do nada, do outro, da exterioridade, do mistério do sem-sentido, partirá o nosso pensamento. Trata-se, portanto, de uma “filosofia bárbara”.¹²⁵

O autor argentino traça paralelos filosóficos, no que chama de *filosofia mediterrânea*, comparando esta filosofia com o desenvolvimento colonial e de independência

¹²⁵DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da Libertação*, *op. cit.* p. 21.

nacional nas repúblicas modernas, com o que trata como *filosofia de libertação mercantilista*. A não resolução das contradições sociais e estruturais no cenário colonial, mesmo após as revoluções locais, baseadas em uma razão do sujeito ocidental, fazem o autor questionar as influências metafísicas e ontológicas que se constroem partindo de uma estrutura social que ainda se dá de forma dependente no que tange a atualidade do imperialismo. Para Dussel, uma nova episteme estrutural da filosofia surge como necessária para a superação destas problemáticas históricas e apresenta como seu problema de tese em sua obra.

1.1.8.7.3 A filosofia da libertação, pretende assim formular uma metafísica (2.4.9.2) - que não é ontologia (2.4.9.1) - exigida pela práxis revolucionária (3.1.7-1.8) e pela *poesis* tecnológica, a partir da formação social periférica que se estrutura em maneiras de produção complexamente entrelaçadas. Por isso é necessário distinguir o ser de sua pretensa fundamentalidade eterna e divina; negar a religião fetichista; mostrar a ontologia como a ideologia das ideologias; desmascarar os funcionalismos, sejam estruturalistas, lógico-centristas ou matematizantes, que ao pretender que a razão não pode criticar dialeticamente o todo, afirma-o por mais analiticamente que critiquem ou operativizem suas partes; descrever o sentido da práxis de libertação que somente parcialmente vislumbram os críticos pós-hegelianos de esquerda europeus e que somente a práxis dos atuais povos oprimidos da periferia, da mulher violada pela ideologia machista e do filho domesticado podem na realidade revelar-nos (5.9).¹²⁶

Dussel parece buscar um novo conteúdo para as categorias filosóficas clássicas. O autor questiona uma percepção crítica da necessidade de preenchimento destas categorias em termos originais. Uma nova ontologia e uma nova metafísica parecem ser pretendidas em uma nova fundamentação dusseliana. Para isso o autor esboça um caminho de crítica da fenomenologia e o que entende como pilares de uma raiz de crítica da libertação: epifânia e proximidade.

A fenomenologia, como seu nome está a indicar, ocupa-se do que aparece e como aparece a partir do horizonte do mundo, do sistema, do ser. A epifânia, ao contrário, é a revelação do oprimido, do pobre, do outro, que nunca é pura aparência nem mero fenômeno, mas que conserva sempre

¹²⁶Ibid., *Ibidem.*, p. 21.

uma exterioridade metafísica. Aquele que se revela transcende o sistema, põe continuamente em questão o dado. A epifania é o começo da libertação real.¹²⁷

Apesar de não aprofundar em *prima facie* a terminologia epifânia, sua explicação inicial apresenta uma certa ideia de agência de despertar psicológico dos sujeitos condenados, uma consciência de sua linguagem de opressão, de sua humanidade negada e negligenciada em um grande cenário geográfico e histórico em exame. Para além desta percepção, Dussel parece apelar para uma ideia de proximidade, uma aglutinação de identidade e comunicação que associa qualquer que esteja envolto nas problemáticas enunciadas anteriormente pelo autor.

2.1.2 Aproximar-se

2.1.2.1 Aqui não falamos em ir para uma mesa, uma cadeira, uma coisa. Aproximar-se de alguma coisa, chegar junto dela para pegá-la, comprá-la, vê-la, usá-la. Aproximar-se das coisas é o que denominamos proxemia. Não. Aqui falamos de aproximar-nos na fraternidade, encurtando distância para alguém que pode esperar-nos ou rejeitar-nos, dar-nos a mão ou ferir-nos, beijar-nos ou assassinar-nos. Aproximar-se na justiça é sempre um risco porque é encurtar para uma liberdade distinta.

2.1.2.2 Aproximar-se é surgir do além da origem do mundo. É um ato anárquico (se *arché* é a origem anterior de toda origem). É anterioridade anterior a toda anterioridade. Se o sistema ou o mundo é o anterior às coisas que habitam nele; se a responsabilidade pelo mundo do outro é anterior ao próprio mundo; aproximar-se à imediatez da proximidade é a anterioridade de toda anterioridade.

2.1.2.3 Aproximar-se para a anterioridade é anterior ao significante e ao significado. É ir em busca da origem do significado-significante, a própria origem da significação. É avançar; é um apresentar-se anterior a toda presença; é um significar significando-se; é avançar como a origem semiótica (4.2.6).

2.1.2.4 Encurtar distância é a práxis. É um agir para o outro como outro; é uma ação ou atualidade que se dirige à proximidade. A práxis é isto e nada mais: um aproximar-se da proximidade. A proxemia é um dirigir-se às coisas. Mas é muito diferente tocar alguma coisa, e acariciar ou beijar alguém. É muito diferente compreender o ser, neutro, e abraçar no amor a realidade desejante de alguém, próxima.¹²⁸

¹²⁷Ibid., *Ibidem.*, p. 22.

¹²⁸Ibid., *Ibidem.*, p. 23.

Há uma pretensão de resgate de um princípio categórico de uma filosofia originária artificial. Um retorno a um primeiro princípio, um novo juízo de conteúdo e de fenômeno. Epifania e proximidade parecem superficialmente dialogar com as agências de viabilidade e comunicação em Fanon. Porém não de forma normativa, mas artificialmente. São juízos hipotéticos porque não parecem ter uma agência compulsória para adequação, como em Fanon. De qualquer forma, é interessante perceber que o condenado ou *vítima* percebe sua situação e *deve* encontrar uma agência e identidade de sua condição. A diferença em Dussel, é sua codificação teórica da linguagem e a não definição prática em um primeiro exame. A percepção é primeiramente contemplativa no autor argentino. A proximidade parece uma definição intersubjetiva e artificial do que é o diagnóstico e ação em Fanon na agência da viabilidade. Já a epifania é uma contemplação ou autoconsciência próxima ao conceito e identidade na agência de comunicação. Mesmo que o agente fundamental e o objetivo categórico sejam basicamente os mesmos, as categorias essenciais têm conteúdos específicos diferentes entre os autores. Fanon dá valores morais e normativos a possíveis adequações de agências com um fim, dando autonomia de conteúdo para os agentes, com um esquema mínimo. Dussel precisa descrever a formação do indivíduo e agente e categorizar os termos de suas definições. Citar a práxis em FDL, não é uma síntese de uma sofisticação de agências e conceitos como em CDT, mas é uma pretensão contemplativa de uma prática indefinida. A diferença da autonomia entre os autores, é a viabilidade de condições e exercícios comunicativos que adequam as agências dos sujeitos condenados. Fanon é prático desde o princípio, Dussel é contemplativo. Fanon é explicitamente e implicitamente normativo, Dussel descritivo.

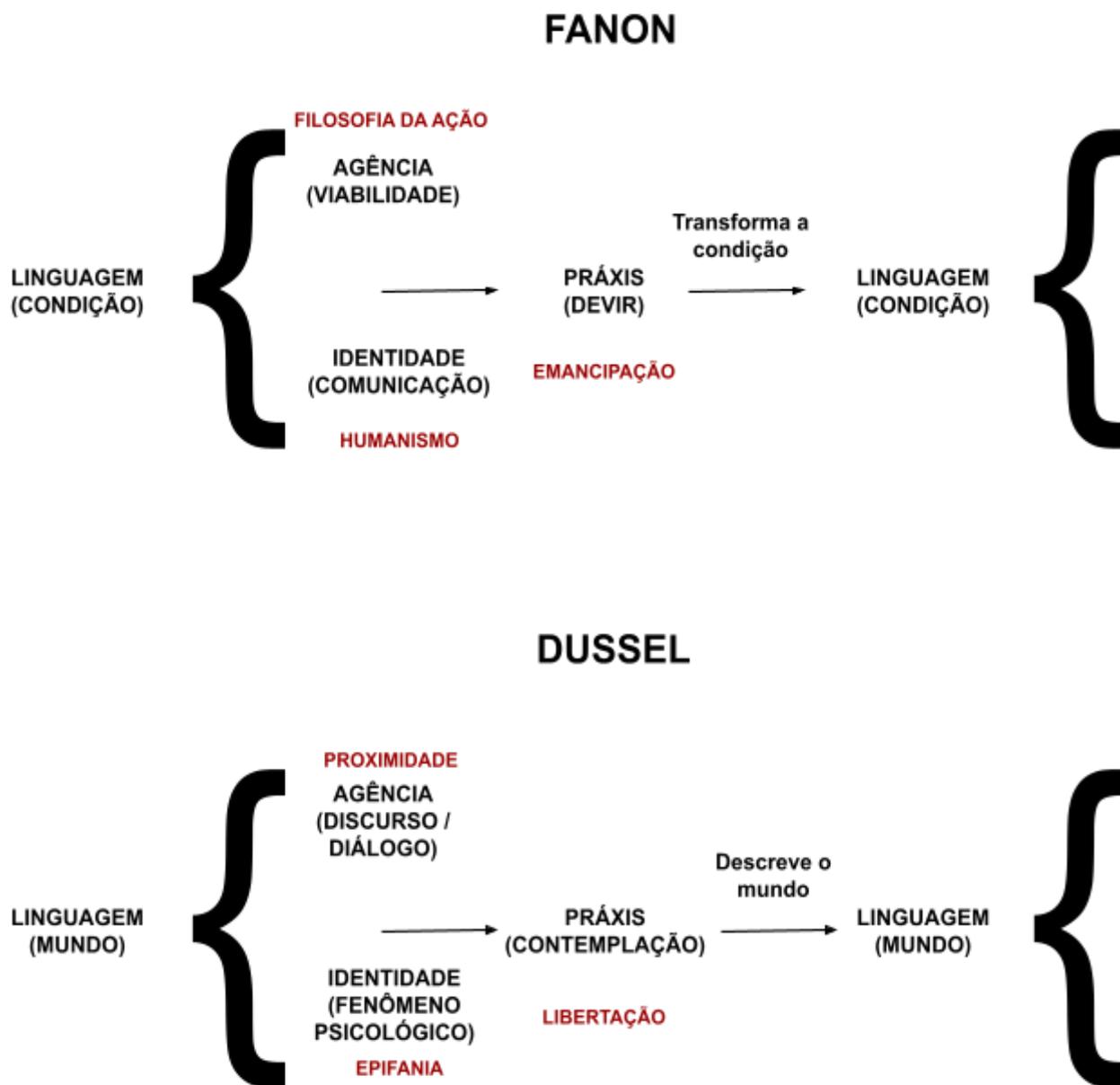


Figura III: Comparativo dos esquemas fanoniano e dusseliano

Para todos os efeitos, Dussel tem uma filosofia da libertação contemplativa e descritiva. Fanon tem uma dialética da emancipação prática e normativa. Os exames paralelos e semelhantes têm suas diferenças nas categorias práticas e em como se

dão as potências possibilidades e sua casualidade e consequência em determinadas circunstâncias e aplicabilidade.

IV.II Pedagogia da existência

Avaliação

A contemplação e teoria artificial de Dussel tem desenvolvimento crítico analisando novas perspectivas de linguagem para o que pode ser a totalidade, fenômenos, mediação, diferença, interpretação e sentidos, uma refundação do que pode ser filosofia. Seu *Todo* ou *Universal* fundamentado em seus conceitos de proximidade e epifânia e em uma ideia de práxis. Na categoria *Exterioridade* o autor esboça uma possível proposição para sua consideração ontológica e metafísica.

2.4.9 Ontologia e Metafísica

2.4.9.1 A ontologia se move na luz do mundo, sob o império da razão. É claro que a razão se tornou a parte de prever e ganhar a guerra. A filosofia como ontologia é um refletir em olhar-se no espelho (*speculum*); é procurar a identidade como a origem que já se é.

2.4.9.2 A metafísica, no sentido que lhe damos no presente discurso da filosofia da libertação, é o saber pensar o mundo desde a exterioridade alterativa do outro. É saber pensar não só a negatividade do ente que dá lugar à novidade ôntica em seu remontar à origem do mundo, ao fundamento, ao ser. É saber pensar o mesmo ser desde a exterioridade que o julga; como a periferia mundial julga hoje o centro dominador e possuidor da filosofia da dominação (seja ontológica ou funcionalista, estruturalista, analítica, semiológica...); como a mulher que se liberta julga a falocracia e ideologia machista; como os jovens do mundo julgam as antigas gerações gerontocráticas castradoras. Metafísica é saber pensar o sistema, o mundo, a partir da negatividade ontológica (já que a negatividade de um Adorno, por exemplo, termina sempre por afirmar o ser, o ontológico, embora seja como utopia futura). Nós, ao contrário, negamos o próprio ser e sua utopia, em nome não de uma utopia futura, mas de uma utopia presente: os povos periféricos, as classes oprimidas, a mulher e o filho.

2.4.9.3 A tensão ontológica do mundano ao ser denominou-se preocupação (*bóulesis* para Aristóteles, ou *Sorge*). A tensão metafísica de um momento do sistema lançada para a exterioridade, para o outro como outro, nós a denominamos *pulsão* de alteridade. Esta pulsão, desejo, amor de justiça real, é como o furacão que destrói os muros, abre a brecha na fronteira ontológica e se volta torrencialmente para a exterioridade. A metafísica não só está em jogo na fé diante da palavra interpelante, mas na pulsão que mobiliza, transforma, subverte a própria realidade.¹²⁹

¹²⁹Ibid., *Ibidem.*, p. 54.

Estes conceitos primários do que seria uma teoria ou sistema em Dussel, parecem justificar a artificialidade de sua percepção filosófica da realidade. Isso porque, descreve um fenômeno que acontece em si e não faz uma ligação com seu objetivo. A intersubjetividade em Dussel parece uma natureza ou lógica das relações e não uma imposição condicional, como em Fanon. A atualização da *metafísica* e *ontologia* tem uma adequação a o exame particular do autor, mas de forma contemplativa. É a contemplação de sujeitos das suas categorias de identidade e reconhecimento em uma lógica subjetiva rígida. Parece-me que o fenômeno de epifania e aproximação em uma dinâmica dusseliana de contemplação da metafísica e ontologia é uma ação subjetiva. O significado e conteúdo dos termos em Dussel necessita de uma percepção global e intersubjetiva, mas de natureza teleológica, pois tem um fim em si mesma. A diferença das posições dos filósofos em relação ao *paradoxo de identidade*, se encontra onde a agência fanoniana particulariza os universais e contemplação dusseliana universaliza os particulares. A práxis em Dussel, se apresenta como uma exterioridade particular e não parece afetar o conteúdo e condição da epifania e aproximação. É um desejo do sujeito. A razão não é viabilizada ou comunicada e nem tem uma agência adequada para isso, mas sim é uma descrição de consciência e reconhecimento do mundo. O preenchimento é esvaziado e intuitivamente preenchido novamente. É um fenômeno psicológico, meramente particular que torna seu ensaio da condição material ou linguagem na subjetividade uma conciliação metafísica com ontologia negativa. Parece-me que a metodologia de Dussel se faz, propositalmente, contemplativa pois há uma pretensão de superar a dialética do reconhecimento de Hegel como uma base analítica. O que chama de *analética*, concebido na obra *Método para uma Filosofia*

da Libertação: Superação Analética da Dialética Hegeliana^{130 131}, anterior a FDL, onde esboça uma exegese da dialética para justificar sua metodologia alternativa como uma dialética positiva.

Esta ana-lética não leva em conta somente o rosto sensível do outro (a noção hebraica de *basar*, “carne”, indica adequadamente o ser unitário inteligível-sensível do homem, sem dualismo de corpo-alma), do outro antropológico, mas exige igualmente colocar faticamente a “serviço” do outro um trabalho criador (para além,mas assumindo o trabalho que parte da “necessidade” de Marx). A analética antropológica é então uma econômica (um pôr a natureza a serviço do outro), uma erótica e uma política. O outro nunca é “um só”, mas também e sempre “vós”. Cada rosto no face-a-face é igualmente a epifania de uma família, de uma classe, de um povo, de uma época da humanidade e da própria humanidade como um todo, e ainda mais, do outro absoluto. O rosto do outro é um *aná-logos*; ele é a “palavra” primeira e suprema, é o dizer em pessoa, é o gesto significativo essencial, é o conteúdo de toda significação possível em ato. A significação antropológica, econômica, política e latino-americanado rosto é nossa tarefa e nossa originalidade.¹³²

A positividade em Dussel está em uma problemática da linguagem, sendo resolvida no autor, pela epifania da intuição de uma negação conceitual da filosofia e antropologia do sujeito explorador. Parece que, a separação da filosofia prática enquanto normativa de agência ou viabilidade, dos conceitos intuitivos dusselianos, dificultam uma aplicabilidade ao seu método. O rosto, o outro, ficam limitados a uma ideia de linguagem lógica e analítica e não à uma ética de adequação ou de diálogo. A generalização em Dussel é conceitual enquanto em Fanon é prática. Porém em Dussel, as descrições de ontologia e metafísica podem viabilizar o sistema ético que não é explorado como tal em Fanon. Apesar dos conceitos em si, a filosofia dusseliana não se justifica em si mesma. Seu afastamento e conciliação metafísica podem ser resolvidos com as agências fanonianas, enquanto seu conteúdo

¹³⁰DUSSEL, Enrique D. Método para uma Filosofia da Libertação: Superação Analética da Dialética Hegeliana. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

¹³¹Título original do castelhano, *Método para una Filosofía de la Liberación. Superacion Analética de la Dialéctica Hegeliana*.

¹³²DUSSEL, Enrique D. Método para uma Filosofia da Libertação, *op. cit.* p. 197.

metafísico e ontológico podem ter uma resolução prática a partir da normativa, humanismo e emancipação de Fanon. A analética antropológica de Dussel ajuda a isolar as categorias filosóficas em uma nova crítica que pode muito bem ser realizada pelo exame de Fanon. O processo dialético prático da forma e viabiliza o conteúdo que podem preencher as categorias, dinamicamente. A noção de metafísica e ontologia ganham um aspecto de condição em sua definição em complemento com as agências e conceitos possíveis nas alternativas de ação. A relação entre os sujeitos segue uma agência normativa, mas pode ter um complemento contemplativo dado uma condição e linguagem para tal. A contemplação é um privilégio que se dá em condições e adequações particulares e originais dos sujeitos. Quando se fala em libertação e se posiciona a crítica e ação a partir de sujeitos condenados, sua agência *necessita* de viabilização e comunicação para se poder enfim, contemplar.

Fanon não descreve uma metafísica ou ontologia em sua obra, mas dispõe de valores e resoluções práticas que facilitam os sujeitos a trazer seu próprio reconhecimento que pode aceitar premissas contemplativas ou descrições a depender de suas culturas e carências. O processo prático de Fanon é educativo e permite uma conceituação da realidade dentro de um cenário e dialética afirmativa. É, em todo caso, uma pedagogia da existência se somada a uma prática contemplativa em condições e linguagem adequadas. Isso torna viável uma codificação de conduta ética particular a algum meio, sem deixar passar despercebido o global e sua comunicação aberta. O universal é concreto pois não é perene em um cenário em metamorfose. É sensível às agências humanas e tem sua dinâmica que pode ser mais ou menos volátil a depender de seu contexto e

adequações dos sujeitos. Fanon têm uma metodologia formadora das categorias que podem ser investigadas e cunhadas em um processo dusseliano, desde que este tenha a crítica e conciliação e finalidade prática, não metafísica. Muito parecido com o esquema de consciência e cultura em CDT, há a possibilidade de um reconhecimento complementar descritivo situacional com categorias que podem cooperar para uma teoria normativa ampla e devidamente descrita e esquematizada. Dussel pode dar a Fanon uma fronteira do jardim da razão para facilitar ainda mais o exame da crítica e autocrítica, mesmo que esta esta cerca, muro ou parede, seja de vidro e flexível.

IV.III Hegemonia do reconhecimento

Contingência e Necessidade

Impossível colocar-se o ético sem adicionar condição do mundo¹³³

As diferentes premissas dialéticas entre os dois autores em comparativo neste capítulo, não deixam de ter o mesmo objetivo e finalidade: A emancipação humana. As diferenças são esquemáticas e fundamentais no que diz respeito às práticas para tal fim. O que é necessário a um autor, é contingente em outro. Mesmo que, ambos saibam que o conteúdo das categorias filosóficas *deve* ser preenchido pelos condenados da terra/vítima em suas próprias afirmações particulares. Por mais propositivo que seja, o exercício de conciliar suas teorias, e o possível e adequado encaixe que aparentemente estes teóricos conseguem ter, suas diferenças podem provar um ponto histórico: As diferenças de conceitos além de práticas podem ser específicas. As demandas ou linguagens podem especificar teorias dentro de suas agências de viabilidade e contemplação. Neste sentido, a ética parece ser contingente em sentido para Fanon, enquanto para Dussel, a libertação enquanto ideia é positiva em um ponto de vista crítico necessário. Os valores morais são contingentes em Fanon, sua viabilidade e comunicação têm normas necessárias, categóricas. Em Dussel, o método é necessário e tem uma máxima específica, mas discursivamente contingente.

¹³³ LUKÁCS, Georg. Notas Para Uma Ética, Versuche Zu Einer Ethik: Edição bilíngue, Tradução e Apresentação: Sérgio Lessa. 1. ed. [S. l.]: INSTITUTO LUKÁCS, 2015. p. 193

5.9 Filosofia da Libertação

5.9.1 Sentido da Questão

5.9.1.1 O método da filosofia é teórico analético; não é intrinsecamente prático nem poético, embora esteja condicionado por ambos. O método ontológico ou dialético negativo não é suficiente e, além do mais, quando é suposto como aquele da filosofia primeira justifica o sistema e funda toda ideologia. O método da filosofia da libertação sabe que a justiça é a filosofia primeira, porque a política é o centro da ética como metafísica (a exterioridade *ético-metafísica*, 2.4 e 5.3, se concretiza privilegiadamente na política, 3.1), superando assim a mera ontologia (2.4.9). Entre a ciência ideológica ou cientificismo e a ciência crítica existe uma diferença análoga àquela que se dá entre a filosofia da dominação do sistema ontológico e a filosofia da Libertação. [...]

[...] 5.9.1.2 Na periferia, além das filosofias ontológicas (como A fenomenologia, o existencialismo etc.), há filosofias que, ao absolutizar um dos acessos possíveis à realidade, permanecem em posição ideológica. Em primeiro lugar, a filosofia analítica, que pretende que estudando a lógica, filosofia da linguagem, epistemologia ou filosofia da ciência, Já fez tudo o que é filosofia podia pensar, e assim reduzem a capacidade de reflexão filosófica a pensar antes de razão; impedem o esclarecimento da realidade prática e poética; castram a filosofia em sua possibilidade de crítica política e histórica. É necessário assumir a valiosa filosofia analítica dentro de um marco político dialético que abra o amplo mundo das realidades dos oprimidos como nações, classes e pessoas.

Dussel descreve o processo dialético, acertadamente precedente a qualquer análise, como um fenômeno que transforma a realidade e tem suas devidas particularidades e condições específicas.

5.9.1.3 Em segundo lugar, o Marxismo pela teoria de dependência permite-nos descobrir a plusvalia centro periferia, distinguindo as formações sociais do centro e as da periferia. Mas é necessário ainda colocar a teoria da dependência de um marco histórico, real, concreto. A especificidade ou exterioridade *periférico-nacional* (3.1.3) não se explica só pelo fato de sofrer a dominação Imperial, mas pela história nacional. Não sendo assim, cai-se numa nova ideologia, e, sobretudo, quando não se está articulado historicamente as classes populares.

5.9.1.4 Em terceiro lugar, numerosas análises *histórico-filosóficas* da periferia, com imenso material positivo, tem necessidade de um marco teórico ou estrutura bem arquitetada de categorias hermenêuticas. A interpretação histórica sem o preciso marco categorial pode cair no historicismo sem hipóteses de leitura e, sobretudo, sem conclusões esclarecedoras para uma práxis de libertação nacional e popular. O cientificismo da filosofia analítica, sem marco político, o Marxismo quando não tem marco histórico e articulações reais com o povo no estado de consciência em que se encontra e a história sem marte teórico, são os três desvios nos quais cai ou pode cair a filosofia da periferia em nossos dias.

Apesar de demonstrar que as questões históricas são particulares em *marcos* historicizantes e condicionais, Dussel trata uma leitura totalizante do colonialismo como desvio, mostrando diferentes contingências e necessidades nas relações com a filosofia fanoniana. Assim, torna relativa sua contemplação dos cenários quando parece dar uma resposta analítica a suas questões.

5.9.1.5 A filosofia da libertação pretende assumir tais posições a partir de uma atitude superadora, mas não eclética. Pretende propor um discurso novo que inclua organicamente os discursos enunciados, sem desnaturalizá-los, mas ao contrário dando de seu autêntico sentido. Além disso, pretende, *histórico-filosoficamente*, superar o fisiologismo grego, o teologismo medieval e o consciencialismo moderno do centro, para discernir uma antropologia, uma filosofia que tenha pivô central o homem, como liberdade como exterioridade, como pessoa, como oprimido. Por isso a política, em seu sentido *ético-metafísico*, é seu próprio coração; claro que política popular das classes exploradas.¹³⁴.

Ética e metafísica se fundem na analética de Dussel. Isso parece conciliar um sistema metodológico sem uma agência específica. Sua exegese filosófica trás várias terminologias de diferentes resoluções filosóficas do autor em uma soma de suas adequações. O racional é precedente da existência e os agentes não têm autonomia no próprio método, apesar de serem os protagonistas deste. Há uma substância prévia em Dussel que universaliza e performa uma prática artificial, pois considera a história como uma ciência descritiva e sem um conteúdo superativo. Muitas das categorias dusselianas em FDL são teleológicas e tem um enunciado predicativo. A formalidade dusseliana parece relevante em uma especificidade mínima de categorias lógicas de descrição filosófica de conceitos. Sua metafísica da ética serve como uma norma hipotética e mutável na práxis da consciência de Fanon. Para além disto, as diferentes culturas e agências especificadas no esquema prático de Fanon, podem abrir uma filosofia com tantas éticas e metafísicas dos

¹³⁴DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da Libertação*, *op. cit.*, *passim*, p. 174-176.

povos de sujeitos condenados, onde suas particularidades normativas e conteúdos históricos se comunicam, afirmam e se negam dialeticamente. Se não para uma universalização de uma ética ou razão, para uma generalização ou adequação das condições gerais de todos os sujeitos condenados no cenário global em uma concretude objetiva. Dussel desenvolve um Marco *Teórico Filosófico*, buscando uma aplicabilidade para sua teoria e categorias *essenciais*. É um discurso sobre um método libertador, e não um método para o discurso como em Fanon. Seu método é universalista, pois tem uma totalidade conceitual, enquanto o método fanoniano é generalista, mas tem uma máxima viabilizante e comunicativa que muda à medida que muda a própria linguagem. Dussel compreende os limites de sua proposição em um sentido de discurso para a contemplação:

5.9.3 Marco *Teórico Filosófico*

5.9.3.1 Este curto trabalho, este livro, é um primeiro, distante e provisório intento de descrever resumidamente algumas teses possíveis daquilo que deveria ser um marco *teórico-filosófico* da filosofia da libertação. O marco teórico da filosofia deve incluir as categorias essenciais, os momentos necessários do discurso que se estabelece com tais categorias, levando em consideração a realidade (mundana e cósmica, como natureza e cultura). Esse marco é o ponto de partida da interpretação enquanto interpretação e não enquanto interpretado.¹³⁵

Por isso, as necessidades e contingências de uma *Ética Decolonial* ou de um *Filosofia Prática Emancipatória* precisam de um exame apurado de quais categorias e essências filosóficas *devem* incluir um sistema e quais suas particularidades de aplicabilidade. Por isso, a normativa de Fanon tem sua relevância de, além de uma crítica do valor moral de seu exame em uma direção do sujeito afetado, suas agências de viabilização e comunicação, esta normativa visa um cenário de diálogo e discurso sem que os dê uma substância ou totalidade de conteúdo os

¹³⁵Ibid., *Ibidem.*, p. 177.

fundamentando em uma perspectiva *social-prática-histórica*. Se é importante discutir uma metafísica e ontologia na práxis decolonial para uma categorização filosófica adequada, uma formalização ética mais condutora - mesmo que volátil e dinâmica - , e um diálogo de mundo mais geral, é preciso definir os critérios mínimos e essenciais que fujam a uma lógica universalizante e que oprima as agências e comunicações dos sujeitos em afirmação. Um exercício com seus juízos e valores criteriosamente definidos, bem como expandidos às possibilidades de transformação e autonomia. O que me parece um acerto de Fanon, em sua normativa dinâmica, é o sujeito estar enquanto agente em sua condição própria e dos sujeitos de sua mesma categoria em sua agência de percepção. Não é um discurso para o mundo, mas um mundo para um discurso. Em outras palavras, a existência precede a epifania. Uma filosofia justifica-se no passado e presente e molda o futuro. A viabilidade e a comunicação em práxis e pragmatismo de agência definem o realismo dos sujeitos condenados. Sua prática de contraviolência, espontaneidade, consciência, cultura, objetivação libertária mútua e contemplação de sua autonomia serão suas ferramentas para uma dialética da hegemonia do reconhecimento. A dialética hegeliana encontra uma superação em si mesma enquanto sistema e se abre a uma possibilidade de mundo enquanto supera a ideia de absoluto e abre um *devoir* em uma práxis contínua e objetiva. A analítica pode fazer parte desta dinâmica de reconhecimento enquanto auxiliar de uma categorização mais formal das normas e especulações morais dos sujeitos em suas dinâmicas práticas. Este debate pode encontrar mais de uma resolução em diferentes cenários e aplicações históricas e não se limita a uma conciliação teórica entre Fanon/Dussel e suas infinitas referências filosóficas. Concluo este capítulo com uma reflexão do próprio Dussel, em uma aplicação de exame internacional das diferenças e afirmações filosóficas

particulares possíveis em um diálogo amplo de uma filosofia efetivamente libertadora e emancipatória do humano.

Na Ásia e na África, a filosofia tem outros temas de libertação (o diálogo de culturas ancestrais, a autenticidade e a questão do neocolonialismo). Na América Latina - com diferenças de país para país - esboçamos acima introdutoriamente alguns âmbitos temáticos dentro de diversos "espaços" políticos.

Penso que a *divisão internacional do trabalho filosófico*, assinalando aos diversos blocos e países diferentes tarefas, que permitiria começar um diálogo fecundo, onde não se exigiria a uniformidade temática nem se desprezariam certos objetos temáticos por não serem relevantes para nós. O respeito pela situação do outro começa pelo respeito filosófico.¹³⁶

¹³⁶Ibid., *Ibidem.*, p. 257.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E QUESTÕES FUTURAS

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres¹³⁷

As convenções filosóficas clássicas podem ou não entrar em um exame decolonial possível, mas podem servir muito bem de guias para determinações de práticas, fenômenos e características gerais da realidade e dos sujeitos. Se para Lukács¹³⁸, há uma determinação de um ser social e uma condição social para se realizar uma ética, que também me parece essencial às agências normativas de Fanon, a discussão talvez não deva começar pelas viabilizações teóricas de elaborar uma ética e sim se sua necessidade é devida e qual seu conteúdo substancial. Que termos e categorias filosóficas podem ser conservados em relação a uma subversão decolonial da filosofia? Até que ponto, essas categorias devem ser universais ou particulares? Acredito, que em Fanon essa discussão esteja de fundo, pois sua preocupação é mais urgente em relação às atividades dos sujeitos que querem transformar o novo humano e superar as contradições das relações humanas. Por isso Fanon, trabalha em categorias que *viabilizam e comunicam* a afirmação do seu *novo humano*. A ética como normativa em Fanon é um esquema de possibilidade da vontade nas alternativas do concreto, não um código descrito de várias regras ou leis morais. É um esquema de cognição de viabilidade de agências para adequações que determina uma prática de comunicação das identidades do humanismo para a práxis da emancipação humana. Fanon conhece as

¹³⁷Frase creditada à Rosa Luxemburgo.

¹³⁸Nascido em 13 de abril de 1885 em Budapeste, Hungria, György Lukács é um dos mais influentes filósofos marxistas do século XX. Doutorou-se em ciências jurídicas e depois em filosofia pela Universidade de Budapeste. [...] [...] É autor de *A teoria do romance* (1916), *História e consciência de classe* (1923) e da monumental *Estética* (1963), entre tantas outras publicações. Morreu em sua cidade natal em 4 de junho de 1971 em plena atividade, trabalhando nos *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*.

contingências e imposições do real do mundo e faz um exame pragmático de política, aqui lido como uma ética normativa dialética de afirmação. Seu impacto como exame da realidade e teoria filosófica da emancipação humana, coopera para uma adequação de condições gerais das linguagens e condições globais e suas contradições históricas. Fica claro o caráter dinâmico e volátil das categorias de Fanon na sua tarefa de definir um mundo prático em condições metamórficas. Não exploro o conceito além da *vontade* e *soberania* na consciência e representação, mas fica muito claro a ideia política de *democracia ampla* e *orgânica* em Fanon. No que associado a ideia, propositalmente apresentada no último capítulo como *hegemonia do reconhecimento*, semelhante ao conceito de Gramsci¹³⁹, pouco explorado em termos filosóficos, assim como é feito com os termos de Fanon em sua obra. O fato de sua filosofia ser enxuta, por vezes implícita e aplicável na atualidade, faz de sua teoria um objeto contínuo de discussão.

Para além das resoluções e síntese esquemática do *diagnóstico-conceito-proposição* e *avaliação* da teoria dialética da emancipação humana de Frantz Omar Fanon, algumas questões me motivam a continuar a pesquisa de uma aplicação nova de filosofia prática e política na decolonização e visão de uma real e adequada emancipação humana: (I) Se a filosofia clássica ocidental parece não se interessar pela relevância do fato de uma condição global e real preceder uma prática e um conceito para se pensar num fim, quais são os

¹³⁹Antonio Gramsci, teórico e ativista político marxista, nasceu na Sardenha, Itália, em janeiro de 1891. Estudou na Universidade de Turim e em 1913 se filiou ao Partido Socialista Italiano. Foi o principal mentor do semanário *L'Ordine Nuovo*, porta voz dos Conselhos de Fábrica de Turim, em 1919-1920. Em 1921, participou da fundação do Partido Comunista da Itália. Eleito deputado em 1924, tornou-se o principal dirigente da agremiação. Foi preso em novembro de 1926 e em seguida condenado pelo Tribunal de exceção do regime fascista. Permaneceu preso até abril de 1937 e morreu poucos dias depois de ser colocado em liberdade vigiada. Enquanto preso, redigiu vasta quantidade de anotações em 33 cadernos, que vieram a conformar uma obra extraordinária de filosofia e interpretação em interlocução crítica com os mais diferentes autores.

aspectos da dinâmica *sujeito-intersubjetividade-objetividade* que fornecem uma possível ideia de relação que justifique adequadamente critérios filosóficos para a fundamentação teórica de uma Ética? (II) Quais as contingências e necessidades gerais tanto práticas quanto contemplativas que equilibram e superam o paradoxo filosófico do *essencialismo/dogmatismo-relativismo/quietismo*? (III) O que é efetivamente democracia e seu problema filosófico é de caráter *semântico-significado* ou *sintático-sentido*? (IV) O quão pragmático ou abstrato *deve ser* uma organicidade política prática ou formal de real representação hegemônica e libertadora dos indivíduos?

A relevância de Fanon se faz no cotidiano tanto quanto se faz no espaço-tempo global, em suas proposições e previsões da prática de afirmação e reconhecimento humano. Particularmente, uma agência que entendo ser adequada na pedagogia e diálogo dos sujeitos condenados - nós -, é a leitura e discussão compulsória dos termos e teoria fanoniana. Se a filosofia e a vida são dinâmicas em Fanon, encerro minhas considerações deste trabalho, abrindo a consciência à prece de Fanon por sua contínua superação de afirmação filosófica de si, do outro e do mundo.

Ao fim deste trabalho, gostaríamos que as pessoas sintam, como nós, a dimensão aberta da consciência.
Minha última prece:

Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!¹⁴⁰

¹⁴⁰FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, *op. cit.* p. 191.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Capitalismo Dependente, Autocracia Burguesa e Revolução Social em Florestan Fernandes. Instituto de Estudos Avançados da USP, [S. l.], p. 1-11, 1 ago. 1995.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso Sobre o Colonialismo. Livraria Sá da Costa, Lisboa. 1978.

DUSSEL, Enrique D. Filosofia da Libertação. Edições Loyola, São Paulo, 1977.

_____. Método para uma Filosofia da Libertação: Superação Analética da Dialética Hegeliana. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

FANON, Frantz Omar. Em Defesa da Revolução Africana. LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA. 1980.

_____. Os Condenados da Terra: tradução de Ligia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

_____. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”, [s. l.], 13 set. 2013.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Fenomenologia do Espírito: tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

LOUREIRO, Isabel. Rosa Luxemburgo. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, [s. l.], 7 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/01/Rosa-Luxemburgo-2.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2023. p. 1-15

LUKÁCS, Georg. Notas Para Uma Ética, Versuche Zu Einer Ethik: Edição bilíngue, Tradução e Apresentação: Sérgio Lessa. 1. ed. [S. l.]: INSTITUTO LUKÁCS, 2015.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos: tradução de Jesus Ranieri. Boitempo Editorial: São Paulo, 2002. 177p.

_____. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. [S. l.]: Nelson Jahr Garcia, 2002. Disponível em: ebookbrasil.com. Acesso em: 1 jan. 2023.

_____. Teses sobre Feuerbach. [S. l.: s. n.], 1845. Disponível em: http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Textos_para_aulas/Teses_Feuerbach.pdf. Acesso em: 1 jan. 2023.

SEKYI-OTU, Ato. Fanon's Dialectic of Experience. United States of America: [s. n.], 1996.

WALLERSTEIN, Immanuel. Ler Fanon no século XXI. Revista Crítica de Ciências Sociais, 82, [s. l.], 1 set. 2008.